



Campus de Rio Claro

**UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA**

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Curso de Graduação em Engenharia Ambiental

RODRIGO VALLE CEZAR

***TURISMO E MEIO AMBIENTE NA REGIÃO DE MUCUGÊ, CHAPADA
DIAMANTINA - BA***

Orientadora: Prof^a. Dr^a Bernadete Castro Oliveira

*Monografia apresentada à Comissão do Trabalho de
Formatura do Curso de Graduação em Engenharia
Ambiental do Instituto de Geociências e Ciências
Exatas – Unesp, Campus de Rio Claro (SP), como
parte das exigências para o cumprimento da disciplina
Trabalho de Formatura no ano letivo de 2008*

Rio Claro

2008

338.4791 Cezar, Rodrigo Valle

C425a Turismo e meio ambiente na região de Mucugê, Chapada

Diamantina - BA / Rodrigo Valle Cezar. - Rio Claro: [s.n.],

2008

59 f. : il., figs., fots.

Trabalho de conclusão (Engenharia Ambiental) –

Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e

Ciências Exatas

Orientador: Bernardete Castro Oliveira

1. Turismo. 2. Impacto cultural. 3. Impacto social. 4.

Garimpeiro. 5. Diamante. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP

Campus de Rio Claro/SP

SUMÁRIO

página

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVO	8
3. MÉTODOS E ETAPAS	8
3.1. Seleção de material bibliográfico.....	8
3.2. Pesquisa de campo	9
3.3. Interpretação dos dados obtidos.....	9
3.4. Considerações finais.....	9
4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	9
4.1. Localização e clima	9
4.2. Geologia da área de estudo.....	11
4.3. Geomorfologia local.....	13
4.4. Origens Históricas de Mucugê.....	16
4.5. Identidade Cultural	18
4.6. Patrimônio Histórico-Cultural e bens tombados	19
4.6.1. Igreja de Santa Isabel	19
4.6.2. Prédio do Arquivo Público.....	21
4.6.3. Cemitério de Santa Isabel.....	21
4.6.4. Casario.....	21
4.7. Cenário Turístico-Ambiental.....	22
5. REFERENCIAL TEÓRICO	24
5.1. O (eco)turismo.....	24
5.2. A produção do espaço turístico.....	26
5.3. Tipos de turismo.....	28
5.4. A relação com a comunidade local	29
5.5. O turismo como re-encontro	30
5.6. Principais impactos do turismo	32
5.6.1. Impacto econômico	33
5.6.2. Impactos ambientais.....	33
5.6.3. Impactos culturais	33

5.6.4. Impactos sociais	34
5.7. Desenvolvimento	34
5.8. Turismo e reestruturação urbana	35
5.9. Planejamento do turismo	36
6. TRABALHO DE CAMPO.....	37
6.1. A Chapada Diamantina.....	37
6.2. O garimpeiro	39
6.3. O feitiço do diamante.....	41
6.4. Mucugê.....	41
6.4.1. Introdução:	41
6.4.2. O turismo.....	43
6.4.2.1. <i>Parque Municipal Projeto Sempre-viva.....</i>	<i>43</i>
6.4.2.2 <i>Cemitério em estilo bizantino.....</i>	<i>46</i>
6.4.3. A prefeitura	46
6.4.4. Impactos ambientais.....	48
6.4.5. A população local.....	48
6.4.6. A feira e a agricultura tradicional.....	51
7. O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA REGIÃO: PONTOS A CONSIDERAR	54
8. CONCLUSÕES.....	55

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer primeiramente a minha orientadora Dr. Bernadete, por ter me aceitado, mesmo de ultima hora, e pelas conversas e dicas sem o qual este trabalho não teria saído.

A meus pais, que primeiramente me deram a oportunidade de nascer, e desde então sempre me guiaram pelos confusos caminhos desta vida (mesmo sem eu perceber), criando oportunidades e apoiando-me em minhas escolhas, escolhas quais me trouxeram até aqui, onde foi possível concretizar um antigo sonho de estudar o mundo e suas manifestações.

Meus queridos irmãos Olavinho e Dani, com quem compartilhei deliciosos momentos durante toda a minha vida, crescendo e aprendendo juntos.

Ao João, meu segundo pai, que participou e influenciou muito em minha vida. Que foi quem me apresentou o mundo natural, me ensinando a olhar e respeitar a natureza, dando-me a oportunidade de conhecer o Pantanal, levando-me desde pequeno para acampar na beira do rio, lado a lado com os jacarés. A Carla e Carolina, com quem dividi muitos bons momentos de minha infância.

Ao vô Mauro, a vó Neida (“a vovó ama você”), tio Mario, Marcos e Marcelo, que me acompanharam desde pequeno, me mostrando coisas do mundo enquanto fazíamos guerras com os botões das flores de seu grande quintal, correndo ao redor da casa.

O pessoal da Caenga (que não são poucos), que me acompanharam desde o início da faculdade, o Puff com sua bike, que viemos juntos de Bragança, já na prorrogação pelo disk bicho, o Mineiro com suas festas, não negando uma cerveja (se não muda né), o Tilango (pardoman) que passou anos dormindo na sala, a criança perdida que se esqueceu de crescer, e chegou para colorir a casa e Xorolock, o Pet strat strut, o Cabeção com sua musica eletrônica, Tio Chico com sua bolinha de gordura, o grande Merdudo, sempre trabalhador, o Passa Mal com seus DANGER, o Cialis matemático, o Bixon Cabrom perdido na física, o Troço que sempre protegeu a casa, apesar de ele ainda achar que é um poodle toy, a Fumacinha, com seu rabo acelerado e suas unhas afiadas (tic, tic, tic..), sempre querendo passear.

E não poderia me esquecer da nossa santa protetora Bel, que impede que a casa exploda, e cuida da nossa alimentação, com seu fiel escudeiro, Draguinha, sempre querendo saber das coisas.

Ao Bruce, a galera da frente, que ainda não descobriu que a casa deles é do outro lado da rua, que nunca dão paz para a Caenga, e adoram um bom Danger, e sabem que são sempre bem vindos.

A Thais, sem a qual ninguém da sala teria se formado, as verdinhas, que também sempre nos socorreram nos estudos de ultima hora nas calculeiras da vida, a Carol com seus chilikues, a Marissa com sua cuba libre, a Gaby com seu jeito carente, e em especial a Rê, com seu jeito divertido de ser, que foi uma ótima companheira durante muitos anos.

A toda a galera da primeira turma da Engenharia Ambiental, com quem passei bons momentos, saídas de campo que deixaram saudades, recheadas de boas risadas produzidas por figuras como Rolando, com seu jeito rolando de ser, o Pira com sua “carrcara de fórfe”, o Gutão sempre autista, o Gaúcho sempre acelerado, o Xotinha, o nome já diz tudo, o Cesinha, com sua barriga crescendo ao longo das disciplinas, a Natasha que passou sua adolescência na graduação, a dupla dinâmica Gagá e Topete, a Milharal, sempre milhas, a Silvinha que já é uma mestranda em medonhices, minha querida irmã Carlinha, a Talitão explosão, que ainda mantém uma dívida com a Caenga, a nossa querida Lora, que mais parece uma boneca, o Kazuo com suas japoneisices, a Larissa, que sempre foi muito quietinha, e todas as outras figuras que passaram por nós.

A Mariana que nos acompanha na busca pela paz e equilíbrio.

As meninas da Morada, que demoraram mas resolveram se unir a Caenga, a Pedroti, que foi a intermediária desta fusão, valeu Carol!!! A Purps com suas acrobáticas manobras no tecido, a Marina sempre co Tibá, a querida Jhayne com suas explosões matinais, a Sara, sempre atrás de seus sapinhos, a Gralha com suas loucuras, que infelizmente (para nós) abandonou o mundo das mensagens, o Rafa e seu gato no sofá, a mais nova moradora Lora, que abandonou a Caenga, a Elizete Pereira que adora causar na madrugada, o Lito e a Luna que adoram um role no campinho, e um pastel na feira, e é lógico, a minha linda companheira Salmonela, que surgiu como um furacão revirando tudo, e que tem sido uma ótima companheira.

Ao pessoal da Chapada Diamantina, que contribuiu muito com os resultados deste trabalho, Oremildes, Tia Val, Lu Barros, Humberto Brandão, Ceara, Loi Paraguassu, Andrézão, Edvaldo Santos, Vaninho, Ricardo Fraga, Dona Raquel, Dona Rosa e a jornalista Thais.

E a tudo e todos que passaram na minha vida, contribuindo para que eu chegasse até aqui.

Rodrigo Valle Cezar, 3/12/2008

RESUMO

O turismo vem ganhando cada vez mais espaço na economia mundial, conquistando novos territórios, em áreas que inicialmente viviam da economia de subsistência, e apresentavam pequena densidade populacional. Esta inserção repentina de comunidades tradicionais no mercado global, apresenta diversas conseqüências para a sociedade local e para o meio ambiente.

O presente trabalho desenvolveu-se na região turística da Chapada Diamantina, tendo como foco principal a cidade de Mucugê.

O estudo iniciou-se com uma revisão bibliográfica de estudos que tratavam do turismo e sua relação com a comunidade receptora, e trabalhos desenvolvidos na Chapada Diamantina, para conhecimento prévio da área de estudo.

Então se partiu para trabalho de campo, onde foi feito coleta de dados complementares do meio sócio-ambiental, bem como um levantamento dos impactos causados pelo processo turístico.

Na fase final, foi feito uma descrição da região de Mucugê e de sua relação com o turismo através da união e análise dos dados obtidos nas diversas etapas do trabalho, e finalmente criou-se propostas visando “aperfeiçoar” a relação desenvolvida entre o turismo e Mucugê.

Palavras chave: Chapada Diamantina, Mucugê, turismo, cultura.

ABSTRACT

Tourism is getting more and more importance in economic world, conquering new territories. Where there is substance economy with little occupational density. This process presents several local changes.

The paper aims to analyze Chapada Diamantina region with its central point in Mucugê – BA. At beginning, the study has focused bibliographical review of works about tourism and their relation with the place. After that, geological characteristic and historical settlement of the place were analyzed. Then, fieldworks have done to data base, to survey impacts caused by the touristic process as well as interpretation of the relation occurred between tourism and landscape. At the end, the outcomes obtained from data analyzed became report, which presents proposal to improve the relation between tourism and the place.

Key word: tourism, Chapada Diamantina, Mucugê, culture.

1. INTRODUÇÃO

O turismo no Brasil vem ocorrendo de maneira desordenada, visando apenas à economia atual, com cada setor agindo individualmente, sem nenhum tipo de planejamento que tenha uma visão mais ampla, (no coletivo e a longo prazo) do processo turístico. Não se desenvolvendo programas concretos que direcionem a concretização de um determinado objetivo. O turismo apenas chega e se instala, transformando rapidamente o ambiente e a sociedade.

Nesse processo, através do qual o turismo se instala, dois mundos completamente diferentes são colocados em contato: a região turística, que tem uma utilização “racional” pouco intensa e de modo artesanal dos recursos naturais, com o modo de vida da população baseado nos ciclos da natureza (estações do ano, marés, cheias...) com seus valores ligados a terra; e o mundo globalizado, que tem o conceito de “necessidades” mínimas elevado, com um modo de vida voltado ao luxo e a máxima exploração dos recursos naturais e com seus valores baseados no capital, sendo o dinheiro e o poder quem ditam as regras.

Com a chegada do turismo acontece a inserção da região no mercado global, como produtos a serem “consumidos”, causando diversas mudanças na região (estrutura da sociedade, cultura, economia, meio ambiente...), e no uso do território, onde os recursos (naturais e humanos) começam a ser explorados mais intensamente e de modo industrial.

Para se identificar o que vem ocorrendo na região de Mucugê-BA, foi feito trabalho de campo com o propósito de encontrar mudanças no modo de utilização dos recursos naturais, bem como alterações no modo das pessoas se relacionarem entre si e com o mundo, fazendo uma análise da relação existente entre turismo e região, para descobrir como é a realidade local.

2. OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma descrição da região de Mucugê – BA em seus mais diversos aspectos (historia, cultura, economia, sociedade e meio ambiente), e uma análise de como o turismo vem se relacionando com estes.

3. MÉTODOS E ETAPAS

3.1. Seleção de material bibliográfico

- Leitura de material produzido na área de turismo referentes a seus impactos na sociedade, cultura ou no meio ambiente;
- De estudo de casos, em áreas afetadas pelo turismo;

- Leitura de material produzido na região da Chapada Diamantina, como: o Plano Diretor Urbano de Mucugê, Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada Diamantina, entre outros trabalhos desenvolvidos na região.

- Interpretação da carta geológica desenvolvida pelo CPRM, para conhecimento das feições geológicas e das características físicas da área de estudo;

- Interpretação de imagens de radar para o reconhecimento da área de estudo, da localização da cidade, e sua distribuição no espaço;

3.2. Pesquisa de campo

- Diagnóstico ambiental da área, levantando os principais impactos ambientais e identificando mudanças na utilização dos recursos naturais;

- Caracterização cultural, através de entrevistas com a população local, levantando traços da cultura, sua dinâmica e suas alterações recente;

- Diagnóstico socioeconômico, analisando as mudanças econômicas no decorrer do tempo, desde a época do garimpo até os dias atuais, e suas conseqüências na estrutura da sociedade;

3.3. Interpretação dos dados obtidos

União dos dados adquiridos nas fases 3.1. e 3.2. do presente trabalho, fazendo um diagnóstico da área de estudo e da sua relação com o turismo;

3.4. Considerações finais

Descrição dos dados obtidos durante a elaboração do trabalho, e criação de metas visando minimizar os impactos do turismo na região e o desenvolvimento regional.

4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

4.1. Localização e clima

O município de Mucugê está localizado na Região central da Chapada Diamantina, tendo os seguintes limites municipais: Palmeiras ao norte, Boninal, Piatã e Abaíra a oeste, Ibicoara ao sul e Andaraí a leste.

Sua sede, com altitude média de 981 metros, está situada sob as seguintes coordenadas geográficas: 13°03' de latitude sul e 41°22' de longitude oeste; apresenta dois distritos: Guiné e João Corrêa, e apresenta as seguintes distâncias para outros centros urbanos: 448 km para Salvador, 174 km para Seabra, e 47 km para Andaraí.

Como resultado da situação geomorfológica, o clima local é variado e apresenta os tipos: semi-árido, seco a úmido e úmido a sub-úmido. A pluviosidade anual média é de: 1.585mm (máxima), 1.096mm (média) e 561 mm (mínima), com período chuvoso de

novembro a janeiro e com os seguintes valores de temperatura média anual: 14,9°C mínima, 19,5°C média e 23,5°C máxima.

O município de Mucugê possui 2.482km² de área e apresenta grande diversidade ecológica, com presença de serras com cristas assimétricas e fortes declividades, tais como as do Sincorá, do Bastião e da Lapinha, vales de diferentes formações como os do Pati, do Rio de Contas e o do Paraguaçu, amplas áreas de cerrado com crescente ocupação por agricultura irrigada, caatingas e várzeas.

Sua localização, na região mais alta do estado, lhe confere geomorfologia e beleza singulares da Chapada Diamantina, inclusive com presença de endemismo, o que confirma a necessidade de preservação dos recursos naturais, em especial os que apresentam maior vulnerabilidade, tal como as serras e áreas rochosas. Além disso, há presença de nascentes de duas das mais importantes bacias hidrográficas da Bahia, as dos rios Paraguaçu e de Contas, áreas que, apesar de serem vulneráveis e classificadas como de preservação, apresentam elevado grau de ocupação, principalmente por cultivos em grande escala de agricultura irrigada.

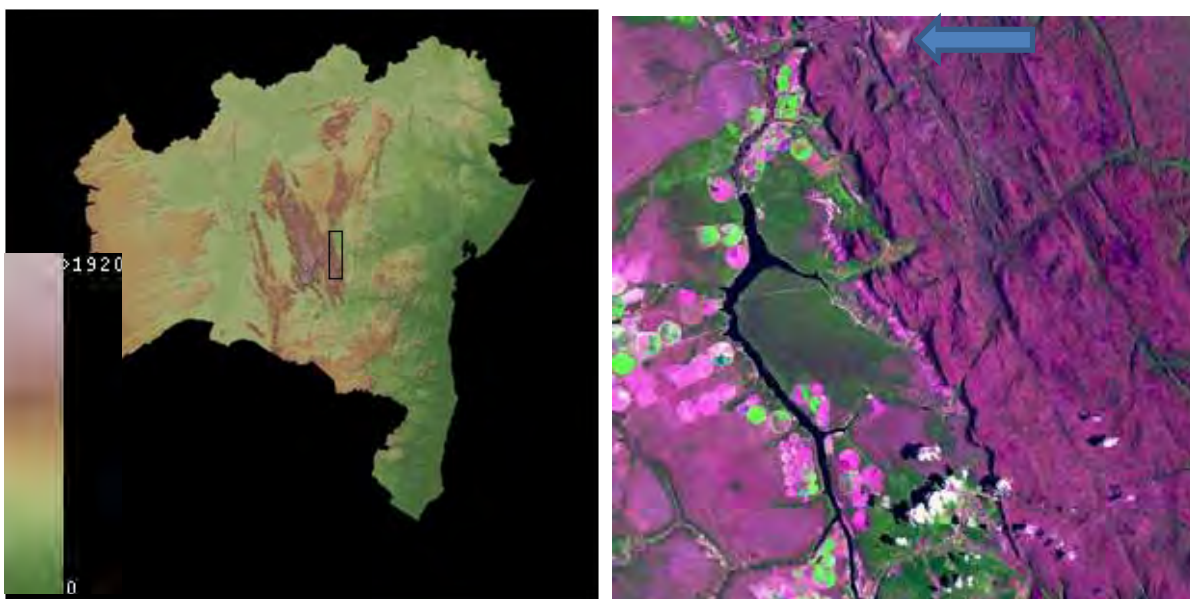


Imagem 1: A Chapada Diamantina, ocupa uma grande área na região central da Bahia (área marrom), com o Parque Nacional localizado em sua parte sudeste (retângulo preto). As cores variam de acordo com a altitude.

Fonte: <http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br/ba/index.htm>

Imagem 2: A seta azul indica a localização da zona urbana de Mucugê. Pode-se notar a grande quantidade de círculos na porção esquerda da imagem, são pontos de agricultura irrigada localizada as margens do rio Paraguaçu. Fonte: http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br/ba/htm2/ba10_13.htm

4.2. Geologia da área de estudo

As rochas mais antigas pertencem ao Grupo Paraguaçu e compreendem principalmente siltitos e argilitos, com arenitos e conglomerados subordinados. Sua história deposicional começa cerca de 1 bilhão e 600 milhões de anos, com a implantação, na porção oeste do parque, de uma planície aluvial com rios entrelaçados, associadas lateralmente a um deserto, onde predominavam dunas e inter dunas com lagos temporários numerosos. Nesse estagio foram depositados areias e cascalhos de origem fluvial, intercalados com areias transportadas pelo vento, típicas de duna, além de outras, com grãos de tamanhos variados e lamais da região interdunas. Em seguida, esses sedimentos foram recobertos por sedimentos transicionais e marinhos, depositados na forma de lamais, com siltes e areias mais subordinados.

Superpostos aos sedimentos do Grupo Paraguaçu, observam-se arenitos e conglomerados diamantíferos da Formação Tombador, originados quando movimentos tectônicos energéticos levantaram, a leste do parque, uma “cordilheira” formada pela atual serra de Jacobina e pelo “complexo geológico” de Contendas-Mirante, quando se inverteu o paleodeclive regional.

Nos períodos de maior instabilidade do terreno, os blocos alçados da crosta eram erodidos, produzindo leques de cascalho que, espalhados pelas encostas das montanhas, formavam os tão almejados conglomerados considerados como fonte do diamante das regiões de Lençóis, Andaraí, Mucugê, etc. Esses conglomerados, conhecido regionalmente como “pedra mendubi”, são formados por seixos de arenitos, quartzo e quartzito verde, estando bem expostos na cachoeira do serrano, no ribeirão do meio, nos arredores de Mucugê, Andaraí, no leito do rio Riachinho (estrada Palmeiras-Capão) e no salão de areias coloridas. As areias coloridas, de diversas tonalidades, observadas nesse local, são originadas pela alteração dos seixos de diferentes composições.

Entre 1 bilhão e 300 e 1 bilhão e 200 milhões de anos atrás, a Formação Tombador foi invadida, a partir do norte, por um mar denominado “mar caboclo”, que retrabalhou os sedimentos continentais. Os registros dessa invasão marinha são bem observados na estreita faixa que baliza a serra do Sincorá, entre Lençóis e o sul de Andaraí, onde arenitos, bem selecionados, da Formação Caboclo, exibem feições indicativas da atividades de marés, tais como marcas de ondas simétricas e camadas cruzadas mergulhantes em sentidos opostos (estratificação cruzada tipo espinha de peixe). Também na estrada que liga Lençóis a Br 242,

observa-se uma intercalação de camadas de lama e areia endurecidas que indica períodos alternados de calmaria (deposição de lamas) com marés tempestuosas (barras de areia).

Há cerca de 970 milhões, a acumulação das rochas anteriormente descritas foi interrompidas por amplo episódio de glaciação, responsável não só pelos conglomerados e pelitos da Formação Bebedouro, como também importante inundação marinha que atingiu toda a área a leste do parque, criando as condições necessárias da plataforma carbonática da formação salitre, hoje representado pelo “mar” de calcário e dolomitos que balizam as extensões leste e sul da serra do Sincorá, nos vales dos rios Paraguaçu, Una e Utinga.

No espaço de tempo compreendido entre o fim do Proterozóico superior e o início do Cenozóico, que inclui as eras Paleozóica e Mesozóica, não se tem registro de deposição de sedimentos na área. As formações rochosas anteriormente descritas são recobertas, principalmente na porção leste da área, por sedimentos recentes de idade quaternária, representados por depósitos de coberturas residuais e aluviais. Os aluviões recentes, que são bastantes expressivas ao longo dos principais rios da região (Paraguaçu, Santo Antonio e São José), adquirem grande importância na área, uma vez que encerram concentrações econômicas de diamantes e carbonados, que vem sendo lavrados desde o século XIX, até os dias atuais. (Pedreira, 1994)



Foto 1: Paredão de Arenito da Formação Tombador – Grupo Chapada Diamantina, formado por um sistema de rios entrelaçados a 1 bilhão e 500 milhões de anos. (Vale do Pati). Rodrigo Valle, 2007



Foto 2: Poço azul, formação calcária formada há 970 milhões anos, durante o período de glaciação. Alex Uchôa, 2004

Foto 3: Poço encantado, também de formação calcária. Alex Uchôa, 2004



Foto: 4 e 5: Conglomerado diamantífero da formação Tombador – Grupo Chapada Diamantina, originados de leques aluviais a 1 bilhão e 350 milhões de anos (Cachoeira do Serrano – Lençóis - BA). Rodrigo Valle, 2008.

4.3. Geomorfologia local

O Parque Nacional da Chapada Diamantina situa-se no planalto conhecido geograficamente como serra do Sincorá, a qual faz parte de um conjunto maior de relevos serranos chamado de Chapada Diamantina.

A Chapada Diamantina localiza-se na região central do estado da Bahia e se estende desde o vale do rio de Contas até as proximidades do rio São Francisco, na altura da cidade de Xique-Xique. O trecho sul da Chapada Diamantina constitui um planalto semi-tabular, de forma alongada, que se desenvolve entre o rio de Contas e a cidade de Lençóis.

A serra do Sincorá, onde se localiza o Parque Nacional da Chapada Diamantina apresenta relevo fortemente fraturado, representa um planalto em estruturas dobradas e

subhorizontais, já muito modificadas pela forte ação erosiva. Algumas das estruturas anticlinais foram erodidas e esvaziadas, dando origem a vales alargados tipo alvéolos.

O planalto apresenta uma forma alongada de desenvolvimento norte-sul, com uma largura de 20 a 25 Km. O topo da serra do Sincorá é grosseiramente aplainado, constituindo uma superfície subhorizontal típica de chapadão, guarnecida de importantes escarpas em ambos os lados em quase toda sua extensão. As altitudes da chapada alcançam uma média de 800m com vale que descem até 400 m de profundidade e cristas que se alteiam até altitudes de 1.700 m. (Pedreira, 1994)



Foto 6: Superfície subhorizontal típica de chapadão – Morro do Pai Inácio. Alex Uchôa, 2004



Foto 7: Vale do rio Mucugê, observe que o rio corre encaixado em uma fratura. Rodrigo Valle, 2008.

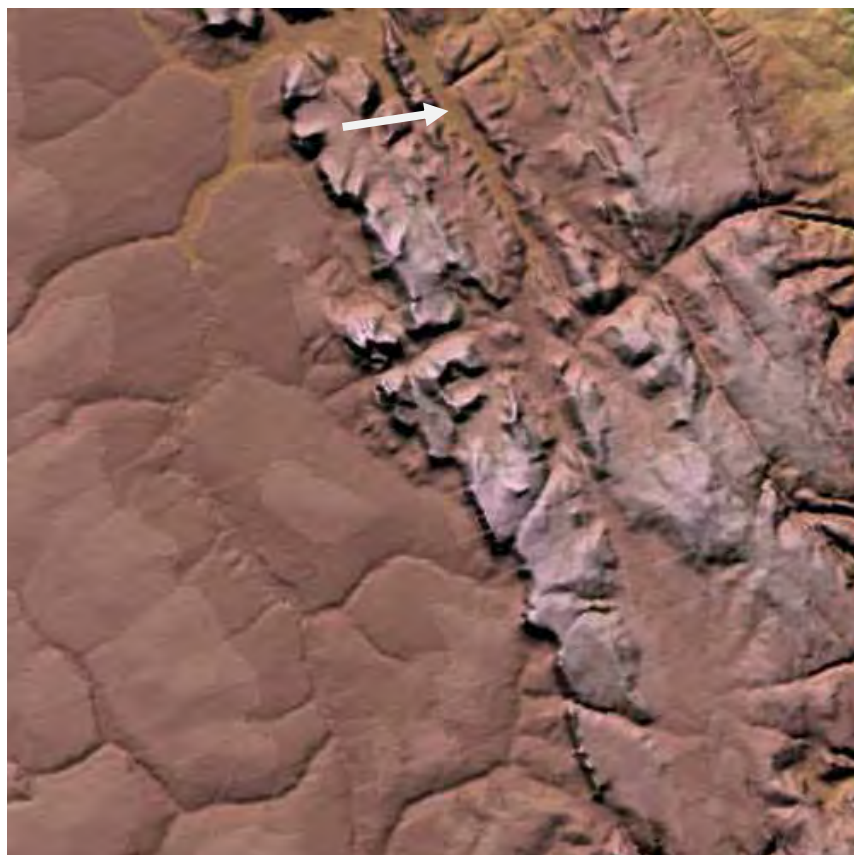


Imagem 3: Fratura por onde corre o rio Mucugê. Articulação compatível com a escala 1:50.000 (IBGE).

Fonte: http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br/ba/hth1/ba20_26.htm

4.4. Origens Históricas de Mucugê

A ocupação da Chapada Diamantina está estreitamente ligada à exploração do ouro e do diamante. Antes da descoberta dessas riquezas a região era dominada pelos índios Maracás, que repeliam com violência os estranhos que invadiam seu território. Nessa época a Chapada ainda apresentava uma ocupação rarefeita, restrita a grandes fazendas e alguns aldeamentos de escravos alforriados, como o Arraial dos Crioulos, ao sul da Chapada, no atual município de Rio de Contas. Foi nessa região que, em 1710, descobriu-se às primeiras pepitas de ouro que mudariam a história do local. Com a descoberta do potencial aurífero da região vieram bandeirantes e exploradores, seguidos pelos jesuítas, iniciando-se assim a colonização da Chapada Diamantina.

Em meados do século XVIII a região sul da Chapada viveu uma época de grande prosperidade econômica, com tradicionais famílias esbanjando e ostentando toda riqueza adquirida com a exploração do valioso metal. Conta-se que até mesmo pó de ouro era lançado sobre as pessoas na procissão do Divino Espírito Santo. Toda essa prosperidade começou a decair por volta de 1800, primeiramente com a escassez do ouro, agravando-se com a notícia da descoberta de diamantes na região de Mucugê, quatro décadas mais tarde.

Não há informações precisas de quando o diamante foi encontrado pela primeira vez na Chapada Diamantina. Conta-se que por volta de 1822 o capitão Francisco da Rocha Medrado descobriu diamantes em suas terras. Fazendeiro dedicado à criação de gado, o capitão explorou silenciosamente a sua descoberta durante algum tempo. É possível que ele não tenha sido o único a explorar clandestinamente o diamante. Com as tentativas do governo português em controlar e até mesmo impedir a exploração de pedras preciosas no Brasil a fim de evitar a desvalorização no mercado internacional e garantir o pagamento do quinto à Coroa, provavelmente outras pessoas exerceram a atividade secretamente.

A história oficial conta, no entanto, que foi somente em 25 de junho de 1844 que foi encontrado, no riacho das Cumbucas, o primeiro diamante da região. O achado acidental foi feito por Cristiano Pereira do Nascimento, afilhado do coronel conhecido como “Cazuza do Prado”. Este, também secretamente e com a ajuda de um grupo sob o seu comando, explorou a região e encontrou muitas outras pedras. Entretanto a notícia vazou quando um dos integrantes do grupo, ao tentar vender uma pedra, foi acusado de um crime, sendo obrigado a revelar onde a havia encontrado. Espalhada a novidade, a região foi invadida por garimpeiros e aventureiros de toda espécie. Com a crise do ouro na região de Minas Gerais, os exploradores transferiram-se para a Chapada atrás de novas promessas de enriquecimento

rápido. Comerciantes, colonos, jesuítas, contrabandistas e estrangeiros se espalhavam em vilas caóticas, onde imperava a ausência de leis e autoridades oficiais. Surgiram então os embriões de cidades como Lençóis, Andaraí, Mucugê e Igatu. Esta última serviu de base para garimpeiros, comerciantes e aventureiros que transitavam pelas adjacências. Nela eram encontrados variados serviços e todo tipo de produtos necessários aos viajantes e exploradores.

Em 1844 a cidade de Mucugê foi fundada com o nome de Mucugê do Paraguaçu. Desmembrada da cidade de Nossa Senhora do Livramento do Rio de Contas, teve seu nome mudado para Freguesia de São João do Paraguaçu, voltando a se chamar Mucugê somente em 1917. Os primeiros garimpeiros que lá aportaram vieram da região de Rio de Contas e Macaúbas, além dos arraiais mineiros do Serro e do Tijuco (atual Diamantina). Em pouco tempo a vila já abrigava cerca de 12.000 pessoas vindas das mais diversas partes do Brasil e do exterior. (Plano Diretor Urbano de Mucugê, 2001)

Os versos do poema “Descobrimento” (“Roteiro Sentimental das Lavras Diamantinas”

Bahia, 1944), assim registram o fato:

“Cazuzinha do Prado
mergulhou a mão em concha
nas águas tranquilas do córrego
e viu no fundo,
onde o céu se refletia claramente,
estrelas brilhando,
cintilantes...
- Ué! Estrelas de dia?
Não. Eram diamantes...”
(Apud SALES, 1994, p. 31)

Na década de 1870 a exploração diamantífera entra em crise devido ao esgotamento dos solos da região e à descoberta de jazidas no sul da África. O comércio definhou e os garimpos foram abandonados pelos seus exploradores, iniciando-se um período de recessão e pobreza. A criação de gado, explorada pelas tradicionais famílias locais, voltou a ser a principal fonte de renda e emprego da região, assim como o cultivo de café e cereais e, mais tarde, a extração do carbonato, produto muito valorizado na Europa industrial. A venda de escravos também se tornou uma forma de compensar a escassez de diamantes, pois com a proibição oficial do tráfico negreiro o preço de um escravo passou a ser até três vezes maior. Todas essas atividades, no entanto, favoreciam a concentração de dinheiro e poder nas mãos dos coronéis, deixando a população à margem do desenvolvimento econômico.

A decadência da região acirrou ainda mais a guerra entre os donos do poder, levada ao extremo pelos jagunços. Durante décadas inúmeros conflitos resultaram em assassinatos, seqüestros e roubos na região. Com as mudanças da transição do Império para a República, e a conseqüente perda de influência na política local, cada vez mais subordinada a um poder federal, a tensão política dos grupos rivais cresceu ainda mais. Valia tudo para assegurar o comando do local. Isso instalou um clima de medo e insegurança na Chapada Diamantina.

“Encravada na falda da Cordilheira do Sincorá, também conhecida como Chapada Diamantina, sob o céu azul chuvicado de estrelas como reflexo das riquezas espalhadas em seu solo, surgia a primeira das quatro grandes cidades que viriam construir a região de Lavras Diamantinas da Bahia, com o ocorrer do tempo [...] E Mucugê cresceu, progrediu, tornou-se ponto de referencia da economia baiana, da política estadual e entrou nas paginas da história brasileira através de episódios que bem refletem a bravura e o civismo da sua gente.” (SALES, 1994, p. 34)

“Assim, na pacatez cotidiana das suas ruas de calçamento secular, de fachadas de casarões com beirais antigos de enormes sobrados branquicentos de cal, Mucugê é bem a expressão do espírito patriarcal da gente que lhe moldou a feição e os costumes. Elevando-se aos céus rumo as nuvens, os píncaros acinzentados da enorme cordilheira sondam os horizontes azuis, perdidos nas distancias dos verdes gerais, como eternos vigilantes da segurança pacifica de uma comunidade laboriosa, hoje quase anônima. Exauridos seus garimpos, sua gente hoje se volta para outra atividade econômica, e a aparente decadência desse distrito de mineração não chega, contudo, a negar-lhe a opulência do que foi outrora.” (SALES, 1994, p. 36)

4.5. Identidade Cultural

As manifestações culturais do município conservam ainda um forte caráter religioso. Dentre as diversas manifestações destacam-se:

- **Festa de Reis:** De 06 a 20 de janeiro acontece o Reis de Boi, quando as pessoas desfilam pelas ruas da cidade vestidas de animais, guiadas pelo boi. Durante o cortejo há danças e cânticos.
- **Carnaval antecipado:** acontece uma semana antes do carnaval oficial.
- **Lamentação das Almas:** durante a quaresma acontecem os blocos de lamentação das almas. Envoltos em lençóis brancos homens e mulheres desfilam pela cidade entoando cantos fúnebres. O cortejo faz o caminho até o cemitério, parando em frente a igrejas e cruzeiros durante o percurso.
- **Aniversário da Cidade:** acontece no dia 17 de maio com desfile cívico e festa dançante.

- **Festa de Santo Antônio:** promovida pela família Medrado, a manifestação consiste em novenas diárias que são rezadas do dia 1º a 13 de junho. Há distribuição de lembrancinhas e queima de fogos, com a apresentação da filarmônica da cidade. Durante a trezena uma das crianças da família leva a imagem do santo para a igreja, retornando com a mesma no último dia da festa.

- **Festa de São João:** começa no dia 15 de junho, prolongando-se até o dia 24. Os moradores enfeitam as fachadas das casas e armam fogueiras. No dia 24 é celebrada uma Missa Solene, onde é escolhida a comissão de organização dos festejos do ano seguinte.

Uma presença marcante em todas as comemorações tradicionais do município é a Filarmônica da cidade. Criada em 1901, a filarmônica surgiu pela influência européia da cultura local, quando os moradores ilustres resolveram contratar maestros do Recôncavo para formar a banda. Hoje, em todas as comemorações tradicionais a filarmônica faz a Alvorada, que consiste na queima de fogos ao amanhecer, acompanhada dos acordes da banda. No final da festa acontece distribuição de comidas aos participantes do cortejo matinal.

4.6. Patrimônio Histórico-Cultural e bens tombados

Tombado pelo IPHAN em 1980, devido ao seu valor arquitetônico, urbano e paisagístico, o centro histórico do município apresenta exemplares importantes da arquitetura colonial brasileira:

4.6.1. Igreja de Santa Isabel

Construída pelos escravos durante o período áureo do garimpo, essa construção destaca-se pela ausência de capela-mor. Localizada em um dos limites da cidade, a igreja funciona como um interessante marco arquitetônico, pois sua presença logo à entrada atrai a curiosidade do visitante e o instiga a explorar o entorno arquitetônico. Construída sobre um embasamento elevado, tem seu acesso feito por uma rampa central. A construção apresenta duas pequenas torres decoradas e um frontão triangular.



Foto 8: Vista lateral de Mucugê, com a igreja de Santa Isabel em uma de suas saídas. Rodrigo Valle, 2008



Foto 9: Igreja de Santa Isabel. Fonte: Prefeitura Municipal de Mucugê, 1980

4.6.2. Prédio do Arquivo Público

Edificação colonial de dois pavimentos, localizada na praça Coronel Propércio. Guarda em seu interior fotos, filmes e diversos tipos de documentos referentes à história da região. Encontra-se em bom estado de conservação.

4.6.3. Cemitério de Santa Isabel

Também conhecido como Cemitério Bizantino, é o principal monumento da cidade. Com a proibição dos enterros nas igrejas, devido ao risco de contaminação pelas epidemias que assolavam as cidades, começaram a ser construídos os cemitérios isolados do centro. Construído em 1854, esse cemitério se destaca por ser encravado na encosta rochosa da Serra do Sincorá, e também por apresentar muitos túmulos com ornamentos pontiagudos típicos do estilo bizantino. Apresenta duas partes: uma plana, murada, assentada sobre o terreno do vale, e outra implantada sobre as rochas da encosta.



Foto 10 e 11: Cemitério de Santa Isabel - Rodrigo Valle Cezar 2008

4.6.4. Casario

Compondo o centro histórico da cidade, o casario colonial possui arquitetura simples, sem grandes ostentações. Alguns sobrados possuem dois andares, reflexo da posição social e profissional de seus proprietários. A parte térrea costumava abrigar o estabelecimento comercial e o andar superior, a residência da família. (Plano Diretor Urbano de Mucugê, 2001)



Foto 12: Praça 15 de novembro. Fonte: Prefeitura municipal de Mucugê, 1980

4.7. Cenário Turístico-Ambiental

O município de Mucugê é constituído por serras de rochas quartzíticas e relevo muito íngreme, onde graças às dificuldades de acesso, seus ecossistemas naturais foram preservados, com exceção dos impactos da atividade dos garimpos e agricultura de subsistência localizada.

Recentemente, começou a se superpor um novo e dinâmico vetor econômico – o do turismo ecológico tendo como âncoras as cidades históricas da região e os atrativos naturais do PNCD (Parque Nacional Chapada Diamantina). A partir de então, o sistema viário da região vem sendo ampliado e melhorado, com o objetivo de interligar seus núcleos urbanos, escoar a produção (agrícola) e potencializar os roteiros turísticos.

Essas atividades turísticas emergentes atingem apenas uma parte do potencial do município, onde nas serras inseridas no PNCD há amplas áreas ainda não exploradas, além da serra do Bastião a oeste e o vale do Rio de Contas na região do distrito de João Correia, onde há fabricação artesanal de cachaça, pinturas rupestres e trilhas ecológicas.

A infra-estrutura adequada à implantação efetiva do PNCD, ainda encontra-se incipiente, com carência de equipamentos, recursos humanos, capacitação e unidades de apoio, o que atrasa o desenvolvimento do turismo ecológico planejado.

O patrimônio histórico e arquitetônico remanescente da época do garimpo de diamantes é significativo na sede municipal, havendo exemplos importantes em outros núcleos, como João Correia, Guiné e Brejo de Cima. Juntamente com essa história marcante da região, permaneceram as muitas manifestações culturais ainda hoje atuantes.

O uso e ocupação das áreas inseridas no PNCD são restritos, mesmo assim há conflitos decorrentes do processo de desapropriação das terras, que hoje estão ocupadas por famílias tradicionais que cultivam produtos para subsistência.

O turismo é o setor que mais apresenta desafios a serem superados pela gestão municipal, mas que ao mesmo tempo é o mais promissor uma vez que a presença, de cachoeiras e as áreas de floresta, serras, entre outros, são fatores relevantes de motivação para a atividade turística na região. Além do mais, essa vocação natural para o turismo facilita, ainda, a captação de investimentos privados para o setor. Contudo, a mera existência de atrativos naturais já não é suficiente para garantir o sucesso desta atividade. Assim, o processo de desenvolvimento da atividade turística perpassa pela conscientização de que o desenvolvimento do turismo exige a construção de um projeto estratégico global a longo prazo.

Isto posto, o turismo só poderá produzir benefícios sociais, econômicos, culturais e ambientais, se for planejado e gerenciado dentro de um contexto municipal (poder público e sociedade civil), regional, nacional e até internacional (visto que a maioria dos turistas que visitam a região são estrangeiros). Vale ressaltar que se faz necessário dar muita atenção à dimensão ambiental, já que um turismo predatório pode degradá-lo definitivamente. Deste modo, para engendrar um planejamento estratégico auto-sustentável, é imperioso conhecer e analisar as principais características do fluxo de turistas (gastos, perfil, serviços básicos...) e também as principais necessidades de expansão do setor tendo em mente que este crescimento tem que necessariamente melhorar as condições de vida dos moradores locais e preservar o meio ambiente.

Além do PNCD, encontra-se no município de Mucugê, o Parque Municipal Projeto Sempre-Viva é gerenciado pelo município de Mucugê, dedicando-se à proteção da fauna e flora da região, sua sede está localizada próxima à cidade de Mucugê e possui estrutura de pesquisa, inclusive com alojamento para pesquisadores, estação meteorológica, entre outros. Sua poligonal abrange rios, cachoeiras, campos rupestres e cerrado.

Com a implantação de tecnologia para o cultivo, manejo e comercialização racional de Sempre-vivas (espécie endêmica ameaçada de extinção) e outras espécies vegetais, o município procura exercer uma atividade econômica vinculada à preservação ambiental.

É importante destacar que se faz necessário criar estratégias para garantir que a renda gerada pelo turismo seja mantida nas regiões onde é produzida e olhar com atenção as experiências anteriores (como por exemplo Lençóis, que se apresenta em um estágio mais avançado do turismo, e já se pode perceber seus inúmeros impactos culturais e ambientais) antes de planejar e realizar novas ações. Desta forma, é necessário redefinir as políticas para o desenvolvimento da atividade turística na Chapada Diamantina, garantindo instrumentos que permitam uma maior distribuição de renda, propiciando mecanismos de inserção da população de baixa renda, e com pouca ou nenhuma qualificação profissional nesta atividade. (Plano diretor Urbano de Mucugê)

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1. O (eco)turismo

Conhecido como turismo verde, o ecoturismo começa a ganhar cada vez mais espaço dentro do turismo, e vem ganhando cada vez mais críticas por ser feito dentro dos modos de produção capitalista industrial, transformando-se em mais uma forma de turismo em massa.

Existem diversas definições para ecoturismo, segundo Boo, o ecoturismo é:

“A realização de uma viagem a áreas naturais não perturbadas ou não contaminadas, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a paisagem, suas plantas e animais selvagens, assim como as manifestações culturais (tanto do passado quanto do presente) encontradas nestas áreas. Nestas condições, o turismo orientado para a natureza implica uma abordagem científica, estética ou filosófica da viagem, embora o turista ecológico não tenha de ser necessariamente um cientista profissional, artista ou filósofo. O ponto principal é que o ecoturista tenha a oportunidade de mergulhar na natureza de uma maneira que usualmente não faz no ambiente urbano.” (Boo, 1987, apud BOO, 1990,p.2)

De acordo com a EMBRATUR, o ecoturismo é:

“Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas.” (EMBRATUR, 1994 p.19)

HONEY, 1999 descreve o ecoturismo de maneira mais completa, incitando que:

"O verdadeiro ecoturismo possui as seguintes sete características:

1. Envolve viagens a destinos de natureza. Estes destinos são freqüentemente áreas remotas, habitadas ou não, e que normalmente estão sob algum tipo de proteção ambiental, seja nacional, internacional ou privada.
2. Minimização do Impacto. O turismo causa danos. O ecoturismo se esforça para minimizar os efeitos adversos dos locais de hospedagem, trilhas e demais infra-estruturas, seja pela utilização da reciclagem de materiais encontrados in-loco, pela reciclagem e manuseamento seguro do lixo ou pela utilização de recursos energéticos renováveis. A minimização do impacto requer também que o número de turistas e seu comportamento seja

controlado a fim de limitar os danos ao meio ambiente. O ecoturismo é geralmente classificado como uma indústria não extrativa e não consumista, mas pode, entretanto incluir empreendimentos como o programa de Safári e Caça CAMPFIRE no Zimbábue, basta que estes sejam indústrias sustentáveis baseados em recursos renováveis.

3. Criação de uma consciência ambiental. Ecoturismo implica em educação, tanto para o turista como para os residentes das comunidades visitadas. Antes da saída, as operadoras de turismo devem fornecer ao viajante, material de leitura sobre o país, os costumes, o ecossistema visitado bem como um código de conduta tanto para o viajante quanto para a indústria. Esta informação deve ajudar a educar o turista sobre o local visitado, bem como a minimizar seus impactos negativos no decorrer de sua visita, seja com respeito ao meio ambiente ou a cultura local. Guias bem treinados e políglotas que possuam habilidades em história natural e cultural, interpretação do meio ambiente, princípios éticos e comunicação são essenciais para o desenvolvimento do ecoturismo. Ainda o ecoturismo deve promover a educação dos membros das comunidades próximas, crianças e o público em geral do país anfitrião. Para alcançar tal objetivo, deve-se oferecer preços reduzidos na hospedagem, nas entradas dos parques e atrações aos habitantes, assim como viagens gratuitas aos estudantes nacionais bem como aqueles que vivem próximos à atração turística.

4. Prover benefícios financeiros diretos para a conservação. O ecoturismo deve ajudar no levantamento de fundos para a proteção, pesquisa e educação ambiental por meio de inúmeros mecanismos, tais como taxa de entrada dos parques, taxa sobre companhias de turismo, hotéis, linhas aéreas, e taxas aeroportuárias bem como contribuições voluntárias. Muitos sistemas de parques nacionais foram originalmente concebidos com o objetivo de proteger a área, facilitar a pesquisa científica. Somente com o passar do tempo, é que os parques nacionais abriram o acesso ao público geral, e foi recentemente que estes têm sido percebidos como potencial fonte de recursos para a investigação científica e conservação.

5. Prover benefícios financeiros e para a população local. O ecoturismo prega que parques nacionais e outras áreas de conservação somente irão sobreviver se, como o cientista costa-riquense Daniel Janzen coloca, existirem "pessoas felizes" em volta dos perímetros. A comunidade local deve estar envolvida com o mesmo, e receber renda bem como outros benefícios tangíveis (água potável, rodovias, postos de saúde, etc...) da área de conservação e suas dependências e facilidades turísticas. Áreas de Camping, locais de hospedagem, serviços de guia, restaurantes, e outras concessões devem ser gerenciados por ou em parceria com a comunidade nos entornos de um parque nacional ou outros destinos. O ecoturismo deve ainda promover a utilização de agências de aluguel de carros e agências de turismo de propriedade de nativos de tal forma que o lucro permaneça no país em desenvolvimento. Mais importante, se o turismo deve ser percebido como ferramenta para o desenvolvimento rural, ele deve ajudar no deslocamento do controle econômico e político para a cooperativa, a vila ou o empreendedor e este é um dos pontos mais difíceis de obter sucesso.

6. Respeito à cultura local. O ecoturismo não é somente "verde" mas também menos intrusivo culturalmente, e menos explorador que o turismo convencional. Prostituição, drogas e mercado negro são muitas vezes sub-produtos do turismo convencional, o ecoturismo se esforça para ser respeitoso culturalmente e ter o mínimo impacto possível tanto no meio ambiente como na população do país. Isto não é fácil, visto que o ecoturismo envolve viagens para áreas remotas onde muitas vezes as comunidades pequenas e isoladas têm tido pouco contato e experiência com estrangeiros. Ainda, assim como no turismo convencional, o

ecoturismo envolve uma relação desigual de poder entre o visitante e a comunidade, seja inclusive pelo aspecto monetário de trocas que eventualmente ocorrem. Parte de ser um ecoturista responsável implica no aprendizado anterior, dos costumes locais, respeito aos códigos de vestimenta e outros códigos de conduta social, não se intrometendo na comunidade a não ser que convidado, seja individualmente ou como parte de um grupo bem organizado.

7. Suporte aos direitos humanos e movimentos democráticos.”

Estas definições reafirmam a responsabilidade do ecoturismo com o uso sustentável dos recursos e das atrações naturais, e afirma que este compromisso se efetivaria pela melhoria da qualidade de vida proporcionada por esta atividade econômica, através da criação de postos de trabalho, e com a capacitação e conscientização das populações locais, o que na prática não vem ocorrendo, sendo assim necessário um replanejamento das atividades turísticas, para que elas se encaixem com as definições de ecoturismo, trazendo com isso ganhos para a região, e não prejuízos como vem ocorrendo.

5.2. A produção do espaço turístico

O turismo se caracteriza como uma atividade complexa que “produz” e consome espaços sociais e paisagens, em uma articulação em pontos do território, em uma economia globalizada. Essa atividade produz territórios da mesma forma como todas as demais atividades, do modo industrial de produzir mercadorias (produção em massa), e na sua essência é insustentável.

O espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos, e a partir da seleção e classificação deles, constroem uma narrativa artificial do lugar, ocorrendo, então, uma reestruturação fragmentada da cidade em torno desses pontos, reproduzindo os modelos urbanos das grandes cidades, com todas suas tendências.

De acordo com Rodrigues:

“A atividade turística permite o uso fugaz e intenso do território como parte integrante do ideal de modernidade que considera o desenvolvimento como uma meta para ser atingida, medida e mediada pela produção de mercadorias, submetendo a natureza ao mundo da mercadoria.” Rodrigues (1997, p. 49):

Neste processo de apropriação e transformação do espaço, se estabelece uma integração seletiva e hierarquizada dos lugares, tendendo-se a criar condições de marginalidade em muitos destes lugares. A propriedade do solo, adquirida ou desapropriada da população autóctone e destinada à implantação de equipamentos turísticos, gera migração e marginalidade entre seus componentes se estes não forem engajados no processo participativo da ocupação turística.

A apropriação é realizada e planejada para que os turistas (consumidores) sejam levados para lá e “consumam” a paisagem, e nesse consumo está incluído também outras mercadorias, como bebidas enlatadas, alimentos embalados, energia, água, entre outros, ou seja, o turismo nunca deve ser pensado isoladamente, como se houvesse apenas o “comércio” da natureza, pois diversas mercadorias são transportadas e comercializadas, ficando estas na região como resíduos.

O turismo tende muitas vezes criar uma realidade para “gringo ver”, mas que na verdade é bem diferente da realidade local, Boorstin cria o conceito de pseudo acontecimentos começando com isso uma discussão sobre a autenticidade da experiência vivenciada pelo turista, afirmando que:

“Estas ‘atrações’ (turísticas) oferecem uma experiência indireta, inventada minuciosamente, um produto artificial para ser consumido nos próprios lugares onde a coisa autêntica está tão disponível quanto o ar. Elas são formas pelas quais o viajante permanece sem contato com as pessoas do lugar no próprio ato de vê-las como atração turística. Elas mantêm os nativos em quarentena enquanto o turista no conforto do ar condicionado as vê através da janela de vidro de seu ônibus. Elas são as miragens culturais agora encontradas em toda parte do oásis turístico.” (BOORSTIN, 1987, p.99 – apud BRITO 2005 p.42)

Na tentativa de criar uma ilusão paradisíaca ao turista, acaba produzindo-se imagens estereotipadas de um lugar a ser fugazmente consumido em larga escala, implicando de um lado a inserção desses lugares no processo de globalização e de outro, a destruição de suas singularidades.

Em relação ao turismo de massa, Margarita Barreto comenta que:

“O turismo de massa não tem permitido precisamente uma convivência entre o turista e o núcleo receptor. Pelo contrário, o turista isola-se, visita apenas lugares ‘pasteurizados’ para ele, tira fotografias, filma e retorna ao seu lar sem ter experimentado um modo de vida diferente, sem ter efetivamente conhecido o ‘outro’ cujo país visitou. Muitas vezes não conheceu e ainda reafirmou preconceitos na medida em que o atendimento não esteve à altura de suas expectativas ou das promessas feitas pelas operadoras de turismo.” (BARRETO, 1995, p.94)

Nesse tipo de turismo, o turista “vomita” sobre o local, seu próprio estilo de vida, revelando toda sua forma de ser, contaminada pelo processo de despersonalização pelo qual ele passa cotidianamente. E isso é uma forma de agressão e desrespeito não só às pessoas locais como ao meio em que vivem, cujos reflexos são facilmente mensuráveis nos impactos causados em ambientes constantemente visitados por um grande número de turistas pouco preocupados com a realidade que visitam. O que nos faz lembrar da distinção entre viajante e turista promovida por Boorstin em 1987:

“O viajante estava em busca de conhecimento enquanto o turista estava à procura de prazer. O viajante era ativo e ia à procura das pessoas, de aventura e de experiência. O turista é passivo

e vai passear esperando que as providencias da viagem sejam tomadas por outros objetivando o seu bem estar.” (BOORSTIN, 1987, p.85 apud BRITO 2005 p.43)

Na verdade existem muitas pessoas que jamais desejariam interferir negativamente na região visitada, se o fazem é por falta de informação ou de possibilidade de poder praticá-lo de forma diferente. Sendo assim deve-se haver um planejamento local que direcione a forma como se deseja que o turismo se desenvolva, orientando a forma como praticar um turismo consciente, informando os turistas e a comunidade as conseqüências do turismo para o ambiente e para a população.

5.3. Tipos de turismo

A atividade turística é a mais promissora opção de desenvolvimento municipal para Mucugê, porém é importante definir em que tipo de turismo o município melhor se enquadra.

Essa definição é importante não só para passar aos visitantes a informação sobre os tipos de turismo que a localidade oferece, como também para orientar o planejamento turístico, bem como os que querem investir no setor. Deste modo, faz-se necessário inferir, a partir das características geográficas locais e da demanda da comunidade, o tipo de turismo para o município.

Há diversos tipos de turismo, que podem ser classificados por diferentes critérios. Segundo Margarita o turismo pode ser:

“Nacional ou estrangeiro;
De minoria ou de massa;
De classe privilegiada ou popular;
Livre ou dirigido;
Hoteleiro ou extra-hoteleiro (camping residência secundaria...);
Coletivo ou particular;
Estável ou itinerante;
Infanto-juvenil, adulto, terceira idade ou familiar...
Quanto ao objetivo, podem ser de: lazer, descanso, cura, desportivo, gastronômico, religioso, cultural, científico...” (Barreto 1995, p.17)

Além dos citados acima há também o turismo esotérico, no qual o que se busca é um contato mais íntimo com o mundo natural, quando o turista procura um contato com si próprio e com o mundo interior (ou espiritual).

Existem, também, diversos tipos de turistas, que podem ser divididos em varias categorias, de acordo com seu perfil, suas expectativas e suas buscas, diferenciando-se pela forma como agem e enxergam o mundo, e cada tipo de turista (ou turismo) tem diferentes impactos sobre o local.

Em 1979, Cohen elaborou um modelo cognitivo-normativo, distinguindo-os em cinco grupos:

“Turistas existenciais: São aqueles que querem sair da rotina para um lugar que lhes dê paz espiritual.

Turistas experimentais: São aqueles que querem experimentar estilos de vida alternativos.

Turistas experiênciais: São aqueles que procuram o significado da vida dos outros e a autenticidade da cultura local.

Turistas diversionários: São aqueles que escapam da rotina e do tédio para suportar a própria alienação. Massa que quer recreação e lazer organizados.

Turistas recreacionais: São os que procuram entretenimento e relaxamento para recompor as forças psíquicas e mentais.” Cohen, 1979 apud BRITO 2005 p.45)

Os perfis e objetivos dos turistas são vários, e cada turista pode se encaixar em varias categorias, sendo cada um único, e seus motivos os mais diversos.

5.4. A relação com a comunidade local

O turismo é um processo que põe em dialogo o lugar com o mundo, quando as pessoas que habitam o lugar se vêem “forçadas”, a entrar em contato com “outros tipos” de pessoas (turistas no caso), com diferentes estilos de vida. Nessa interação muito é perdido quando os turistas “impõe” ao local seus modos de vida, e não percebe (ou não quer perceber), toda aquela riqueza contida na alma das pessoas, em cada diferente cultura, em cada povo.

Em relação a esta desterritorialização da comunidade pelo processo turístico, Maria Tereza D. P. Luchiari, comenta que:

“A urbanização turística tende a introduzir nos lugares cenários significativos do imaginário urbano moderno. Estes signos – representados na infra-estrutura, na estética arquitetônica, nos objetos de consumo – proporcionam aos turistas a superação do estranhamento ao meio social e natural local, mas implantam, muitas vezes, uma materialidade que não se comunica com o cotidiano do lugar[...]Estas novas formas urbanas instituem o isolamento das sociabilidades, ignoram o contexto e os códigos das narrativas locais, e evitam a possibilidade do encontro da sociedade com o seu entorno[....]Além disso, se considerarmos que esta refuncionalização turística dos lugares constroem uma materialidade de uso ocasional (temporadas sazonais, de férias e feriados), detectamos toda uma infra-estrutura urbana, nas áreas mais valorizadas destas cidades, desterritorializando a população local e tornado-se ociosa por vários períodos durante o ano.” (LUCHIARI, 2001, p.23)

Em seguida Luchiari completa:

“O paradoxo central é que a modernidade se funda no consumismo, e é com este olhar que a humanidade se volta, hoje, para o meio ambiente. Por isto, não há nenhuma intenção de valorizar o saber e o permanecer dos povos que vivem embrenhados na natureza selvagem. Só os que puderem pagar, terão acesso a uma natureza revalorizada, reorganizada, segura, tecnificada, mas romântica, ou seja, o meio ambiente.

Neste caso, a ideologia preservacionista não muda a sociedade. Ela apenas desloca formas e funções, orientando a produção de enclaves e a auto-segregação das elites na construção de uma geografia socialmente excludente.

É imprescindível criar novas formas de sociabilidade, novos pactos, novas normas, novas alianças que aproximem as sociabilidades que se isolaram, ao se posicionarem lado a lado nos lugares turísticos.” (LUCHIARI, 2001, p.27)

5.5. O turismo como re-encontro

Desde a origem dos primeiros hominídeos (aproximadamente 6 milhões de anos) o *homo sapiens sapiens* é nômade, sempre viajando, explorando novas paisagens, conquistando novos lugares, e apenas recentemente (15.000 a 20.000 anos) o homem virou sedentário, trancando-se dentro das cidades.

Com esse sedentarismo deixou de ser explorador, rendendo-se a comodidade da rotina. Alienando-se da natureza, construindo sua vida trancado entre quatro paredes, esquecendo-se de que por trás desse mundo tecnológico (no qual o gosto pelo espírito deu lugar às operações produtivas) ainda existe um mundo de verdade lá fora, o qual o ser humano ainda está ligado, sendo totalmente dependente dele.

Por este modo de vida das cidades, preso dentro da “bolha ambiental”, cercado por concreto e asfalto, agredido em seu próprio meio, o homem urbano começou a adoecer, física e psicologicamente, e a humanidade passou a viver uma neurose pela ausência de conexões com o mundo natural.

Nesse quadro o turismo vem sendo, em alguns casos, uma forma de o homem se reconectar com as suas origens, voltando a explorar o mundo, conhecendo novas pessoas e lugares, resgatando suas raízes, encontrando-se novamente com o mundo.

O homem sempre manteve uma relação de admiração e respeito com a paisagem, tendo uma grande adoração por ela, considerando-a sagrada, tendo paixão e necessidade de buscar lugares de observação privilegiada (como alto de montanhas) para contemplar a vista que ela proporciona.



Foto 13: Paisagem do interior do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Rodrigo Valle, 2007

Pode-se afirmar que a paisagem servia para os homens (e ainda serve para nós) como uma forma de se conectar com o sagrado, sentindo-se como parte desse mundo, voltando as origens, conectando-se com a natureza.

Mas o homem urbano rompeu essa ligação com o mundo, ele contempla apenas a paisagem urbana e virtual, há tempos ele deixou de visitar a montanha e o mundo natural, não convivendo mais com a natureza, sentindo-se como algo fora dela.

“Mas destro de cada um de nós há sempre escondido um homem pré-histórico, que ainda desperta ao escutar o chamado da selva.” (ARSUAGA, 2005, p. 20).

E o turismo em paisagens naturais tem sido um convite ao homem moderno para relembra-lo dos tempos primórdios, quando ainda vivia embrenhado na selva, cercado pelo mundo natural.

Em 1975 Burle Marx apresentou uma descrição bem completa para paisagem:

“(1) é constante nas paisagens a referência ao sentido da visão; (2) a paisagem não deve ser identificada somente como o conjunto dos acidentes geográficos de uma determinada porção de espaço mas também todo o conjunto dos seres vivos que aí habitam, inclusive o homem; (3) a paisagem não é estática, pois todos os seus elementos constituintes são passíveis de transformações próprias, como também se alteram mutuamente; e (4) um território é formado de um número infinito de paisagens parcialmente superpostas – destacar desse conjunto certas áreas, certas (sub)paisagens, às quais conferimos determinados

significados estéticos, cultural, científico ou social, e tratar essas áreas como unidades autônomas poderá constituir uma medida funcional correta com vistas a determinadas finalidades. A paisagem, entretanto, permanecerá sempre indivisa, contínua, onde os limites teóricos perdem sua validade.[...] Por mais que a fragmentemos, e muitos turistas agem dessa forma, ela permanece como um todo indiviso no qual muito mais elementos poderiam ser revelados se o olhar do observador fosse mais atento.” (MARX apud Gontijo e Rego, 2001, p. 2)

Já Rego e Gontijo apresentam as diversas formas que a paisagem pode ser percebida:

“Uma mesma paisagem pode ser percebida de diversas formas diferentes, tanto por pessoas diferentes num mesmo momento, como pelas mesmas pessoa mas em momentos diferentes. Neste sentido, uma paisagem será percebida de uma determinada maneira em função do que se pretende em relação a ela; de como ela é observada/sentida; do tempo de duração da experiência sensorial; de quem acompanha (ou não) o observador; do momento histórico (de quando), em termos do lugar e da pessoa, em que está observação é feita; da circunstância em que tal experiência é vivida; enfim, uma série de fatores que irão interferir no processo de interação entre o agente observador e o que é observado (entre o eu e o isso).” (REGO e CONTIJO, 2001 p.10):

A forma pela qual as visitas aos atrativos ocorrem, normalmente de forma apressada para se atingir o maior numero de atrativos por dia, não permite uma visão “completa” (que na verdade nunca será totalmente completa, devido a infinidade de pontos e características que integram uma paisagem), e raramente é conseguida uma conexão verdadeira com a paisagem, não ocorrendo assim uma reflexão sobre a realidade local, pois normalmente só se observa o discurso pré-programado narrado pelos guias.

Ao se sentir a paisagem há diversos mundos em que se pode viajar, voltando ao passado, através da história dos garimpeiros, da geologia (que nos levam aos primórdios da terra, épocas que remontam antes dos dinossauros, a mais de 1,4 bilhões de anos), pode-se mergulhar nos mundos encantados e misteriosos das cachoeiras, admirando penhascos e desfiladeiros, e pode-se também voltar para dentro de si mesmos, fazendo contato com mundos interiores, refazendo a ligação com a terra, lembrando de onde veio, é um lugar propício para um turismo espiritual, de encontro com si mesmo.

Frequentemente vem se observando certo resgate a esse processo de busca interior, muitas vezes através de ações turísticas que muito pouco têm a ver com o que vemos no turismo convencional. E por isso vem ocorrendo cada vez com mais freqüência o turismo em regiões naturais.

5.6. Principais impactos do turismo

O homem para fugir da rotina, procura lugares onde a natureza ainda domina, mas inconscientemente tenta dominá-la, transformado-a de acordo com suas “necessidades” e

desejos. O problema é que a paisagem é altamente vulnerável a ação turística, onde essa pode alterar negativamente sua dinâmica, causando-lhe impactos que podem comprometê-la, algumas vezes comprometendo até mesmo a componente paisagística que se configura como a própria razão de ser de tal atrativo turístico.

Os impactos causados pelo turismo podem ser tanto positivos quanto negativos, aqui eles serão divididos em quatro grupos principais: econômico, ambiental, cultural e social.

5.6.1. Impacto econômico

O dinheiro que entra pelo turismo multiplica-se na economia traduzindo-se em:

Aumento da urbanização;

Incremento das indústrias associadas (meio de transportes, alimentícia, construção civil, hoteleira, entre outros).

Incremento da demanda de mão-de-obra para serviços turísticos;

Aumento da demanda dos produtos locais (hortifrutigranjeiros, artesanatos, rochas e areia para a construção civil, entre outros);

Maior arrecadação de impostos e de taxas;

Incremento da entrada de divisas, porém grande parte do dinheiro arrecadado vai para fora da região, pelas mãos de empresários externos, instalados nos grandes centros urbanos.

5.6.2. Impactos ambientais

Aumento na produção de resíduos sólidos e líquidos;

Aumento do consumo de produtos industrializados;

Aumento no tráfego de veículos;

Abertura de novas trilhas e aumento do fluxo nas trilhas antigas;

Aumento da impermeabilização do solo, diminuindo a infiltração da água e aumentando seu escoamento superficial;

Aumento do consumo dos recursos naturais regionais;

Ocupações irregulares em áreas vulneráveis;

Crescimento desordenado;

Poluição dos rios por protetor solar.

5.6.3. Impactos culturais

Mudança na ocupação da população;

Aquisição de novos costumes (e perda dos antigos) devido ao contato com outras etnias;

Descaracterização da paisagem urbana histórica;

Aculturação e mudança de valores;

A região acaba se adaptando para receber os turistas, mudando seu jeito de ser e agir, para que os turistas se sintam a vontade (muitas vezes inconscientemente), transformando a região em uma extensão das grandes cidades, (enquanto na realidade é o turista quem deveria se adaptar a essa nova realidade que está conhecendo).

5.6.4. Impactos sociais

Marginalização da população local;

Exclusão social;

Aumento da prostituição entre adolescentes;

A destruição do meio ambiente e a frustração da população local pelo contato com uma sociedade de consumo da qual não podem usufruir, pode ocasionar um choque (principalmente na população mais jovem), resultando no aumento da violência e no uso de drogas.

5.7. Desenvolvimento

A palavra desenvolvimento é normalmente usada como sinônimo de crescimento econômico, e raramente leva em conta as conseqüências sócio-ambientais deste “desenvolvimento”.

Souza apresenta uma definição para desenvolvimento:

“Desenvolvimento é compreendido como um processo de superação de problemas e conquista de condições (culturais, técnico-tecnológicas, político-institucionais, espaços-territoriais) propiciadoras de maior felicidade individual e coletiva, o desenvolvimento exige a consideração simultânea das diversas dimensões constituintes das relações sociais (cultura, política, economia) e, também, do espaço natural e social.” (SOUZA 1997, p.18-19)

No Plano Diretor Urbano de Mucugê, defini-se desenvolvimento municipal como:

“O desenvolvimento municipal vincula-se ao fortalecimento das características locais e regionais, viabilizando o equilíbrio entre as principais atividades produtivas e o meio ambiente. O desenvolvimento sustentável é alcançado através da conciliação dos métodos de proteção ambiental, equidade social e eficiência econômica, além da promoção da inclusão econômica e social dos indivíduos nos circuitos de produção, cidadania e consumo. Esse paradigma de desenvolvimento deve oferecer um amplo conjunto de políticas públicas capaz de universalizar o acesso da população aos serviços de infra-estrutura econômica e social [...].ele está relacionado com a qualificação da cidade enquanto lugar para viver, de modo que se cumpram satisfatoriamente suas funções sociais. Assim, a gestão do espaço urbano deve privilegiar as áreas mais carentes, priorizando o atendimento de suas demandas, além de ordenar a expansão urbana e o uso e ocupação do território municipal.” (Plano Diretor Urbano de Mucugê, 2001 pág. 4).

Se há uma complexidade em definir desenvolvimento, o termo desenvolvimento sustentável é ainda mais complexo, sendo utilizado banalmente por indústrias e empresas de

propaganda e marketing, que não levam em conta o verdadeiro sentido do termo (que ainda não apresenta uma boa definição), que em geral é o desenvolvimento social e econômico que não agrida a sociedade, a cultura e o meio ambiente, e que se sustente a longo prazo.

Na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar o desenvolvimento sócio-econômico e a conservação ambiental definiu-se que:

“Desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.”

Considerar a atividade turística sustentável é apenas desviar os termos da questão sem analisar a complexidade de uma atividade econômica que tem por base o consumo de paisagens naturais e históricas, mas que também envolve o consumo de recursos naturais como água, alimentos, e também gera resíduos sólidos e líquidos.

A atividade turística é incompatível com a idéia de sustentabilidade por que:

“Dirige consumo a lugares “exóticos”, transformando-os para serem “comercializáveis”, nos padrões de conforto e qualidade do mundo moderno, retirando portanto ao longo de um curto espaço de tempo a característica de exótico. Como atividade econômica sua sustentação está pautada na continua descoberta de paisagens naturais e históricas de novos lugares exóticos que são rapidamente transformados para serem consumíveis. E esta paisagem só é (ou era) “exótica” e/ou natural porque esteve longe de um uso intenso do território”. (RODRIGUES, 1997, p. 49)

5.8. Turismo e reestruturação urbana

O fenômeno turístico mitifica a realidade local, dando-lhe novos conteúdos, forçando o traço dos lugares, das regiões e das paisagens, criando atrativos para o fluxo da sociedade.

Luchiari, comenta como se dá a reestruturação urbana através da atividade turística, para que o turista se sinta em “casa”:

“A valorização estética das paisagens naturais tem acelerado o processo de produção de paisagens urbanas, e alimentado uma construção permanente e contraditória do sentido de meio ambiente. Este meio ambiente, tão valorizado nas aspirações do fazer turismo, transformou-se no mito que o mercado turístico vende, as cidades incorporam e os diferentes grupos sociais consomem.[...]Está lógica estruturante está mais a serviço do totalitarismo de mercado e da naturalização do compartilhamento de rituais, gostos, lugares, valores, paisagens, imagens, objetos técnicos, símbolos, que ao serem consumidos por grupos específicos, cimentam a constituição de tribos sociais que não se comunicam. A mitificação dos lugares, para que estes sejam vendidos no mercado turístico, faz parte deste processo maior de estetização do consumo na vida social.[.....]Sua implantação rouba do lugar parcelas do seu território, para construir ali um conteúdo social estrangeiro. A liberdade desses turistas

– mediada por guias, monitores e transportes especiais – restringe-se às visitas aos pontos turísticos inclusos em um roteiro previamente estabelecido.[.....]Não é justo nem ético, que as nossas populações locais sejam varridas de suas territorialidades para dar lugar a formas-conteúdos exógenas, que vão tomando de assalto extensas áreas, transformando a natureza em um bem de acesso seletivo, e excluindo as populações autóctones da nova organização sócio-espacial.” (LUCHIARIL, 2001, p. 18)

5.9. Planejamento do turismo

Planejamento é o processo de criação e desenvolvimento de programas que buscam melhorar ou revitalizar certos aspectos dentro de uma dada área (qualidade de vida, meio ambiente...), ele lida basicamente com os processos de produção, estruturação e apropriação do espaço. A interpretação deste processo, assim como o grau de alteração de seu encadeamento, varia de acordo com a posição a ser tomada no processo de planejamento e principalmente com o poder de atuação do órgão planejador.

O planejamento físico tem como finalidade ordenar as ações do homem sobre o território, e ocupa-se em resolver harmonicamente a construção de todo tipo de coisa, bem como antecipar o efeito da exploração dos recursos naturais e deve ter como referencia a realidade do local, e só a partir daí escolher as possibilidades de lhe agregarem novas formas e funções.

Boulbón diz que para se planejar o espaço turístico, é necessário:

“...descobrir sem erro como é a realidade, e ser capaz de imaginar aquilo que devemos agregar-lhe, para que, sem que perca seus atributos, adapte-se a nossas necessidades. Por isso, uma estrutura lógica é aquela que melhor se adapta a um organismo preexistente, dado pela natureza. Essa é a ordem orgânica. Toda ordem orgânica tem um limite de crescimento a partir do qual o sistema deve parar, se não quiser entrar em crise.” (BOULBÓN, 2002, p.8)

Kadt apresenta algumas recomendações para que a atividade turística seja implementada da melhor forma possível à região receptora:

“Distribuição dos projetos de acordo com os tipos de turismo que se tem condição de desenvolver; o planejamento dos países receptores deveria ser interdisciplinar tentando integrar o turismo aos outros setores; buscar a preservação e o desenvolvimento do patrimônio cultural e nacional e estar atento aos problemas sociais, econômicos e ambientais; estímulo à participação dos atores sociais locais nos projetos turísticos; Incentivo à cultura local como forma de beneficiar os habitantes e os turistas.” (KADT, 1979,p.340 – apud BRITO 2005),

É importante elaborar um estudo sobre a capacidade de carga dos locais turísticos visando o controle do fluxo devido à sensibilidade dos ecossistemas, que ficam comprometidos quando se ultrapassam os limites de sua capacidade de carga que refere-se ao número máximo de visitantes (por dia/mês/ano) que uma área pode suportar, antes que

ocorram alterações no meio físico e social. Ela depende das características do espaço (geográficas, geológicas, topográficas, vegetação, segurança...) e da atividade que nele se desenvolvera. A extrapolação de tais limites faz aumentar os riscos de saturação do equipamento turístico, degradação do meio ambiente, degradação do meio cultural e redução da qualidade da experiência turística.

6. TRABALHO DE CAMPO

6.1. A Chapada Diamantina

Uma das principais característica que faz a Chapada ser o que é, é a presença de grande quantidade de água, e de boa qualidade (potável *in natura*), que se da devido a suas características geológicas/geomorfológica.

A Chapada Diamantina, se eleva a até 1.700 m no meio do plano sertão baiano (ver imagem 1 pág. 10), um imenso paredão que segura a umidade vinda do atlântico a leste, formando nuvens que se precipitam, trazendo fartura para a região, é um verdadeiro oásis localizado no coração do sertão baiano.

Quando se entra pelas suas serras, o corpo é tomado por sensações boas, uma paz muito grande invade o ser quando o som de pássaros e da água cortando as rochas entre as serras, chega aos ouvidos, e quando os tons verde-cinza da serra, vermelho-amarelada dos rios se combinam com o azul do céu, chegam-lhe aos olhos encantando a visão, deixando-lhe a impressão de que se está no paraíso (e quem disse que não?).



Foto 14: Cânion da Fumacinha. Alex Uchôa, 2004

A um olhar mais apurado revelam-se atividades ao redor as quais geralmente passam despercebidas, como as formigas aos montes trabalhando, abelhas polinizando a infinidade de flores que colore a paisagem, tirando seu néctar para produzirem seu precioso mel, lagartos saltando pelas pedras, entrando por entre fraturas de rochas formadas a bilhões de anos, paredões habitados por uma infinidade de seres como bromélias, orquídeas, canela d'ema, cactos, entre outros seres encantados que se penduram em busca de uma vista privilegiada.



Foto 15 : Cachoeirão (visto de baixo), repare na infinidade de seres que habitam os paredões rochosos - Formação Tombador, 1 bilhão e 500 milhões de anos. Vale do Pati, Parque Nacional da Chapada Diamantina. Rodrigo Valle, 2007.

Foto 16: Cachoeira da Mixila, Parque Nacional da Chapada Diamantina. Rodrigo Valle, 2006.



Foto 17: Cachoeirão (visto de cima), Vale do Pati – Parque Nacional da Chapada Diamantina. Rodrigo Valle, 2007.

6.2. O garimpeiro

As serras são todas cortadas por trilhas pelas quais o visitante caminha para chegar nas cachoeiras, trilhas que foram abertas por garimpeiros, que as usavam para explorar as entranhas destas terras, penetrando por cada fratura dessas serras, em busca do precioso diamante, quando estes dominavam a região. Ao se percorrer por estas trilhas, pode-se observar varias tocas onde moravam os garimpeiros (alguns ainda moram), e também represas e canais de distribuição abandonados, que eram usados para levar água até os morros ressecados dos garimpos (tudo feito de pedra).

“Predominando em varias zonas do estado da Bahia, e em particular em lavras diamantinas é ainda o garimpeiro por certo, um herói obscuro e anônimo, diante das amostras das joalherias o homem da cidade não é capaz de avaliar o esforço e o sofrimento que representam para os garimpeiros os diamantes que eles vão buscar nas entranhas da terra e que depois são transformados em atavios da vaidade humana.” (SALES, 1994, p. 47)

“Maneja os diamantes mais preciosos que mais tarde irão ornar os colares das rainhas, princesas ou arquimilionárias americanas, e ele, o humilde pesquisador das riquezas do subsolo, vive no maior desprendimento daquelas jóias fascinadoras. O seu palácio para descansar de noite os membros fadigados é apenas uma pobre palhoça debaixo da rocha, ou um abrigo que lembra o dos trogloditas das raças pré-históricas.” (SALES, 1994, p. 54)

Como pode-se perceber não era nada fácil o trabalho de sol a sol dos garimpeiros, que trabalhavam duro atrás do sonho de enriquecer, quando o encanto do diamante dominava a todos, muitos pagaram com a própria vida.

Os traços deixados por esses tempos perduram até hoje na chapada, seja nas ruínas de tocas abandonadas, seja nas rochas reviradas pelos garimpeiros atrás dos diamantes, nos rios assoreados, na arquitetura das cidades, ou nos costumes do povo.



Foto 18: Ruína de antiga toca de garimpeiro. Rodrigo Valle, 2008

Foto19: Casinha do cachorro de um garimpeiro. Rodrigo Valle 2008.



Foto 20: canal de distribuição que levava água das represas para o garimpo das áreas secas. Rodrigo Valle, 2008

Foto 21: Rejeito do garimpo. Rodrigo Valle, 2008.



Foto 22: Filho de garimpeiro na porta da toca herdada de seus pais. Rodrigo Valle, 2008

Foto 23: Atual garimpo no rio Mucugê, responsável pelo assoreamento nas partes baixas dos rios. Rodrigo Valle, 2008

6.3. O feitiço do diamante

A história dos diamantes, porém, é bem mais antiga. Nos últimos 2.500 anos estas pedras vêm sendo utilizados em jóias e adereços. O termo "diamante" é derivado da palavra grega "Adamas" (o incontestável), prova suficiente de que, já na Antiguidade, era conhecida e apreciada por sua indestrutível beleza.

Os gregos se referiam aos diamantes como faíscas das estrelas que caíam sobre a Terra, eles seriam lágrimas dos deuses.

Esta exuberante pedra, de rara beleza, sempre foi sinônimo de poder e riqueza. Os diamantes eram utilizados, quase que exclusivamente, por reis e suas côrtes. Além da realeza, só a Igreja tinha acesso aos diamantes.

6.4. Mucugê

6.4.1. Introdução:

Mucugê desde seu início viveu do extrativismo, primeiro do garimpo do diamante, e depois da coleta da Sempre-viva, uma flor endêmica da região que entrou em risco de extinção devido a sua coleta intensa. Na década de sessenta, a cidade vivenciou seu auge de decadência quando ocorreu uma migração para as grandes cidades, (principalmente Salvador e São Paulo) chegando a ter menos de 300 habitantes, ficando conhecida como “cidade fantasma”.

Hoje em dia, a economia de Mucugê tem como base a agricultura irrigada de grande porte, correspondendo a 70% do total da economia municipal, com o turismo em segundo lugar com 20%, e os outros 10% divididos entre o comércio e a agricultura tradicional.



Foto 24: Mucugê em 1980, época que ficou conhecida como cidade fantasma. Fonte: Prefeitura municipal de Mucugê



Foto 25: Mucugê vista do alto do morro do cruzeiro, morro em que se localiza o cemitério Bizantino. Rodrigo Valle, 2008



Foto 26: Pôr do sol no rio Mucugê. Rodrigo Valle, 2008

6.4.2. O turismo

O auge do movimento turístico na cidade ocorre durante a festa do São João, um evento tradicional da cidade (presente na região desde a época do garimpo), que começa no dia 15 de junho, prolongando-se até o dia 24, quando os moradores enfeitam as fachadas de suas casas, armam fogueiras na porta de suas casas para reunião com os vizinhos.

Há as atrações tradicionais como o bumba meu boi, o casamento na roça, as preparações para a festa já começam seis meses antes, com a preparação de licores e comidas tradicionais.

A festa do São João vem se transformando cada vez mais em um carnaval fora de época, com as atrações tradicionais perdendo espaço, com os turistas dominando a cidade.

No ano de 2008, a Festa do São João movimentou 1,5 milhões de reais, e aproximadamente 3.500 pessoas, na sua maioria jovens de classe média/alta.

Antigamente o São João era um evento de confraternização entre os moradores da cidade, que saíam para conversar, passando de casa em casa experimentando licores e dando seus palpites, mas hoje o povo da cidade passa o São João inteiro trabalhando e mesmo com todas essas mudanças grande parte do povo da cidade diz ser a época que mais gostam, um ou outro faz alguma crítica a respeito da bagunça e da perda de suas características tradicionais.

No resto do ano Mucugê apresenta dois tipos diferentes de turistas: o turista de passagem, que vem de Lençóis (capital turística da Chapada Diamantina) com agências de turismo que oferecem um roteiro de volta ao Parque Nacional da Chapada Diamantina, passando uma noite (dois dias) em Mucugê, e visitando o Parque Municipal Projeto Sempre-viva e o cemitério Bizantino; e apresenta também, em menor quantidade, o turismo familiar, de casais e famílias que passam alguns dias na cidade.

Os principais atrativos turísticos da cidade são: O Parque Municipal Projeto Sempre-viva e o cemitério em estilo bizantino.

6.4.2.1. Parque Municipal Projeto Sempre-viva

O Parque Municipal Projeto Sempre-viva (Unidade de Manejo Sustentável Para a Produção de Sempre Viva em Domínio de Refúgio Ecológico da Chapada Diamantina) foi criado com o objetivo de preservar e reproduzir uma variedade de sempre viva a *Syngonanthus mucugensis* Giulietti, mais conhecida como sempre-viva, ameaçada de extinção devido a coleta intensa por moradores da cidade após a decadência do diamante, a flor era coletada e enviada para o exterior, principalmente para o Japão, Estados Unidos e Europa, e

tornou-se a principal atividade econômica das populações carentes de Mucugê e de seu entorno, seu ciclo durou por mais de trinta anos, onde um buque chegava a custar o equivalente atual a 200 dólares, seu nome vem de sua característica de nunca murchar, mantendo-se vistosa por décadas.

Assim, o Projeto Sempre Viva veio com o propósito de proporcionar uma atividade de produção, suficiente para criar uma alternativa na geração de renda para a população local, através do artesanato com caráter sustentável, econômica e ambientalmente correta, garantindo a sobrevivência da espécie, e repovoando os campos onde a espécie quase desapareceu.

O Parque Municipal Projeto Sempre-viva tem como parceiros o Ministério do Meio Ambiente, o Governo do Estado da Bahia, a Universidade Católica do Salvador, a Universidade Estadual de Feira de Santana e a Prefeitura Municipal de Mucugê, sua sede está localizada próxima à cidade de Mucugê, e abrange rios, cachoeiras, campos rupestres e cerrado, possui estrutura de pesquisa, inclusive com alojamento para pesquisadores, estação meteorológica, um moderno sistema de informação geográfica, proporcionando educação ambiental para as escolas, e promovendo o ecoturismo, com a preocupação de preservar o meio ambiente do município de Mucugê onde se tornou, um Centro de Excelência para a conservação da Chapada Diamantina, implicando na geração e distribuição de renda contribuindo na qualidade de vida da população.



Foto 27: Campo de sempre viva. Fonte: Prefeitura municipal de Mucugê

Foto 28: *Syngonanthus mucugensis* Giulietti, espécie ameaçada de extinção.



Foto 29: Cachoeira da Piabinha, localizada no Parque Municipal projeto Sempre-viva.
Fonte: Prefeitura Municipal de Mucugê.

6.4.2.2 *Cemitério em estilo bizantino*

O cemitério em estilo bizantino foi construído em 1854 e é o principal monumento da cidade, destacando-se por ser encravado na encosta rochosa da Serra do Sincorá, e também por apresentar muitos túmulos com ornamentos pontiagudos, típicos do estilo bizantino.

Apresentando duas partes: uma plana, murada, assentada sobre o terreno do vale, e outra implantada sobre as rochas da encosta, sendo parada obrigatório por quem passa pela cidade, onde todos se encantam com a sua magia, e beleza singular.

6.4.3. A prefeitura

A prefeitura municipal encontra-se bem articulada com o processo turístico, agindo através da secretaria de turismo e meio ambiente, apresentando alguns programas em andamento:

6.4.3.1 *Cursos*

- Curso técnico de turismo dado pela Ceteb com 1.200 horas, com o intuito de qualificar os moradores da região, que trabalham ou pretendem trabalhar com o turismo;
- Curso técnico em ecoturismo com 400 horas, para especializar os moradores na área de ecoturismo;
- Dois cursos de agricultura familiar, para incentivar e auxiliar o pequeno produtor, e qualificar aqueles que tem vontade de ter sua própria roça.

6.4.3.2. *Associação de guias:*

A associação de guias de Mucugê é bem organizada, onde os próprios guias se organizam, e trabalham em parceria com o Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (antigo IBAMA), ajudando no combate a incêndios dentro do Parque Nacional da Chapada Diamantina e seu entorno.

No ano de 2008, o Parque Nacional teve mais de 50% de sua área devastada pelo fogo, suas conseqüências só não foram maiores devido a atuação destes e de vários outros voluntários que se arriscam para ajudar no combate a incêndios.



Foto 30: Brigadistas tentando controlar incêndio no Parque Nacional da Chapada Diamantina.

Fernando Vivas, 2008



Foto 31: A linha de fogo do incêndio de 2008 no Parque Nacional da Chapada Diamantina, chegou a ter mais de 15 km. Fernando Vivas, 2008

6.4.3.3 Biblioteca pública

A Biblioteca pública possui um bom acervo de livros, e movimento freqüente de moradores, que retiram livros constantemente.

6.4.3.4 Projetos turísticos:

- o Revitalização do balneário no rio Mucugê, rio que corta tangencialmente a cidade, e apresenta descarga direta de esgoto doméstico;
- o Projeto ação e esporte, que visa investir e estimular os esportes de aventura (rapel, canoagem...) na região de Mucugê;
- o E museu do garimpo, construído em uma antiga toca de garimpeiro e apresenta a história dos garimpeiros.

6.4.4. Impactos ambientais

A cidade apresenta coleta seletiva com reciclagem e compostagem, mas não apresenta aterro sanitário, o lixo que resta é despejado ainda em lixões a céu aberto e sem impermeabilização.

O esgoto (resíduo líquido) doméstico é despejado diretamente no rio Mucugê, mas a estação de tratamento de esgoto da cidade já está sendo concluída, e começara a funcionar no final de 2008, tratando 100% do esgoto urbano. Na zona rural os resíduos líquidos são dispostos em fossas sépticas.

O principal impacto ambiental na região vem da agricultura irrigada (monocultura), que se localiza na região leste do município de Mucugê, as margens do rio Paraguaçu (ver imagem 2, pág. 10), captando grande quantidade de água do principal rio da Chapada Diamantina, e contaminando o solo com agrotóxicos e fertilizantes químicos.

O protetor solar também é um problema a ser solucionado, pois após o banho de turistas nos rios, pode-se perceber uma grande mancha de óleo que é deixada na água, o que se acentua devido a maioria dos turistas serem Europeus, e por serem bem brancos, usam grandes quantidades de protetor solar.

6.4.5. A população local

Mucugê possui 17.000 habitantes, com 3.500 vivendo na cidade, e o restante divididos entre a zona rural e seus dois distritos, João Corrêa e Guiné.

A população como um todo, se encontra-se bem articulada com o processo turístico, trabalhando nas mais diversas áreas como pousadas, restaurantes, padarias, agências, entre

outras ocupações na área turística, os cidadãos são bem interessados pelos problemas da cidade, e bons conhecedores da história local.

Seus moradores são pessoas simples, com uma forma pura de ver as coisas, são muito receptivos, recebem seus visitantes como se fossem parentes queridos, não precisando fazer muito esforço para iniciar uma conversa que dura horas.

Bons conhecedores da história local, adoram contá-la em detalhes, falam do surgimento da Chapada Diamantina, da grande importância de Mucugê no cenário nacional que por pouco não se tornou capital da Bahia.

A corrida atrás do tão cobiçado diamante, a valentia e garra dos garimpeiros, de lendas que permeavam o diamante e os rios de águas avermelhadas que cortam as serras também são assuntos importantes na história desse município.

Narram casos de pessoas que enriqueceram do dia para a noite, e de outras que perderam tudo da noite para o dia, histórias de violentas guerras causadas pela ganância e pelo diamante:

“Mucugê já matou muita gente, antigamente não era tudo tranquilo como se vê agora”.

Relata um garimpeiro, histórias que se passaram ali mesmo, onde hoje são contadas, e que ainda pode se sentir os ruídos causados por aqueles tempos quando o diamante ditava as regras.

As pessoas, principalmente as de mais idade, possuem uma ampla visão de mundo, uma boa percepção sobre a influência do turismo sobre a região:

“O turismo leva e trás conhecimento de todos os tipos”

Diz Tia Val, funcionária da biblioteca Municipal, uma figura muito importante no cenário social de Mucugê, portadora de grande sabedoria popular.

Pode-se perceber que muitos vivem uma grande nostalgia dos tempos, em que a cidade apresentava seu auge econômico, tempos esse que nem conheceram, (século XIX).

“O dinheiro corria solto naqueles tempos”

Dizem os moradores, e pode-se ver em seus olhos o desejo de terem vivido naqueles tempos.

As pessoas adoram viver na região, gostam muito do que fazem e da vida que levam, não tem vontade nenhuma de se mudar, muitos que já foram tentar a vida em São Paulo, consideram que não voltariam mais a capital paulista nem a passeio, eles são apaixonados pela Chapada Diamantina, e adoram viver na calma das serras.

Vivendo a cinco horas do povoado mais próximo, entre as serras, e sem energia elétrica, encontra-se dona Raquel e suas filhas, nascidas e criadas ali, com uma forma muito

peculiar de enxergar as coisas, ela dá abrigo ao viajante de passagem por aquelas bandas, onde:

“o dinheiro aqui não tem muito valor, as coisas aqui vem da própria terra”

Estas são apenas uma das diversas lições de vida passada por ela enquanto caía o sol por entre as serras do vale do Pati.



Foto 32: Dona Raquel moradora do Vale do Pati e Rodrigo Valle, em uma conversa ao pôr do sol. Yuri Duque, 2007



Foto 33: Mulheres lavando roupa no rio Serrano. Rodrigo Valle, 2008.



Foto 34: Crianças brincando com fantasias usadas na festa de reis (1980). Fonte: Prefeitura municipal de Mucugê

Hoje dona Raquel enfrenta um grande problema, o Parque Nacional da Chapada Diamantina foi criado, englobando a área de sua casa, terra em que seus antepassados viveram, e agora o IBAMA quer expulsá-la, pois não é permitido habitante dentro da área do Parque Nacional.

Agora, é de suma importância encontrar formas de manter a população do vale do Pati, pois eles já habitam a região muito antes de se falar em área de preservação.

Muitos deles já foram retirados do Vale do Pati, muitos até hoje esperam a indenização, e muitos dos que já receberam a indenização, gastaram todo o dinheiro e hoje encontram-se em situação de necessidade, visto que pela sua cultura, não sabem muito bem como investir o dinheiro.

Este tipo de morador tradicional como Dona Raquel, encontra-se ameaçado pela entrada do turismo como fonte econômica na região da Chapada Diamantina, que conta com a expropriação desses moradores, para que em seus lugares entrem em cena os turistas, com formas de impactos mais agressivos ao meio que o modo de vida simples da população local.

6.4.6. A feira e a agricultura tradicional

A Agricultura tradicional existe em toda a Chapada, os camponeses que correspondem a uma grande parte da população, estão hoje perdendo espaço para os grandes produtores (agricultura irrigada). Os produtos da roça dos camponeses são responsáveis pelo

abastecimento das feiras semanais da Chapada Diamantina, abastecendo as casas com produtos frescos de qualidade.



Foto 35: Feira na cidade de Mucugê. Rodrigo Valle, 2008

Em Mucugê, a feira ocorre na sexta-feira, já começando a ser montada na quinta-feira a tarde, quando já começa a movimentação característica de gente chegando de todos os cantos trazendo a produção de suas roças, que apresentam uma rica variedade de produtos, as plantas medicinais tem seu lugar garantido, e o que mais se admira é o conhecimento profundo das propriedades de cada uma dessas plantas, entre as principais estão: pariparoba, macela do campo, bolsa de pastor, quebra-pedra, espinheira-santa, abutua, alecrim-do-campo, assa-peixe, barbatimão, carqueja, cagaiteira, chapéu-de-couro e caroba.

Os alimentos também apresentam uma rica variedade, graças a abundancia de água da Chapada Diamantina, frutas como melão, abacaxi, melancia, laranja, abacate, banana, mexerica, duas variedades de abóbora, côco, maçã, uva, tomate, além de verduras, legumes, mandioca, batata, queijo, manteiga, mel, doces, temperos diversos (pimenta, alçaço, temperos pisados, alho, corantes), biscoito de tapioca, arroz branco, arroz vermelho, feijão, farinha de mandioca, e os derivados do couro como alforjes, baús, cintos e chapeis, com praticamente tudo produzido artesanalmente.



Foto 36: Senhora escolhendo frutas. Rodrigo Valle, 2008

A feira é um verdadeiro festival da cultura regional, recheados de cores, odores e sabores, onde todos comparecem, principalmente as pessoas de mais idade, é um dia de grande movimento na cidade, onde pessoas, caminhonetes e vans enchem as ruas, faça chuva faça sol as pessoas não deixam de comparecer.



Foto 37: Mesmo com a chuva caindo, a feira apresenta grande movimento. Rodrigo Valle, 2008

7. O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NA REGIÃO: PONTOS A CONSIDERAR

Qualquer programa sério de desenvolvimento turístico cuja meta seja o desenvolvimento social, a manutenção da qualidade ambiental e das características locais, só terá sucesso se o projeto levar em conta a história e a cultura dos garimpeiros, pois a intervenção desse grupo tradicional no meio natural, transformou a paisagem em meio ambiente cultural, sendo portanto de fundamental importância a consulta da comunidade para um melhor conhecimento da realidade local.

Por isso é importante a presença direta dos moradores na criação, execução e gestão de qualquer plano de desenvolvimento turístico, devendo ocorrer ações conjuntas entre a comunidade, entidades não governamentais, governamentais e os poderes públicos locais.

Para que a cidade de Mucugê se “desenvolva” gerando o mínimo possível de danos a região foram desenvolvidas algumas propostas:

- Realização de diagnósticos dos diversos aspectos que compõem a cidade e o seu entorno;
- Estudos das características geotécnicas locais, apontando áreas de ambiente vulnerável, definindo e caracterizando os processos geológicos presentes na área.
- Controle da expansão urbana;
- Levar em conta a presença de solo rasos e arenoso em qualquer obra, pois eles facilitam a dispersão de poluentes, que atingem facilmente os corpos d’água;
- Estudos da capacidade de carga da cidade e dos atrativos turísticos, visando o controle do fluxo de pessoas, sem alterar as características locais (culturais e ambientais);
- Uma melhor articulação entre a sede de Mucugê e seus povoados, que se encontram isolados pela distância, reforçado pelas péssimas condições das estradas, sendo que um dos distritos (Guiné), é a porta de entrada/saída, para o vale do Pati , que é a 3ª maior trilha de trekking do mundo, e um dos principais pontos turísticos da Chapada Diamantina.
- Os resíduos que ficarem na região (sólidos e líquido) tem de ter destinações adequadas, para que não se contaminem o solo, ar e corpos d’água;
- Dar sempre preferência para os recursos locais, principalmente artesanais, pois além de articular a região com o processo turístico, os produtos locais já estão diretamente ligados a região, tendo menor impactos que produtos vindos de fora;
- Controle e planejamento da extração dos recursos naturais;
- Todas as interferências antrópicas devem ter como meta principal conservar o meio natural/cultural, de forma que os afetem o mínimo possível;

- Deve-se elaborar projetos culturais, que resgatem e divulgue a história da cidade, sua cultura e suas lendas, como o museu vivo de garimpo que apresenta a história dos garimpeiros e do diamante.

- Optar por modelos de crescimento de bases amplas, que não dependa de um único setor ou um único projeto de investimento;

- Construir e disponibilizar indicadores que contenham informações das conseqüências do turismo sobre a região;

- Criar um banco de dados municipais com informações e materiais produzidos na região de Mucugê, com o intuito de se constituir como um elemento de conscientização ambiental, se desenvolvendo um acervo com dados sobre Mucugê, em parceria com o projeto Sempre-Viva e a biblioteca Municipal;

8. CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo fazer uma descrição da região de Mucugê – BA em seus mais diversos aspectos (história, cultura, economia, sociedade e meio ambiente), e uma análise de como o turismo vem se relacionando com estes.

Durante o desenvolvimento do trabalho, encontrou-se diversas mudanças que vem ocorrendo devido a inclusão da região no mercado global (que já vem ocorrendo de diversas formas antes da chegada do turismo).

Os diversos hábitos e manias “criadas” nas metrópoles tem se espalhado pelo globo, como um vírus no ar, contaminando o meio em que se instala.

Esta “contaminação” pode ser mensurável de diversas formas: no aumento do consumo de produtos industrializados (e do consumismo como um todo); nos hábitos adquiridos por jovens, como abrir o porta mala do carro em praça pública com o som em volumes altíssimos por exemplo, como uma demonstração de [falta] poder, tocando músicas pornográficas; na chapinha no cabelo das adolescentes, adotando o perfil “ideal” imposto pela televisão; e na chegada de novas religiões, em uma cidade inicialmente católica, já apresenta além desta (que hoje apresenta suas missas vazias), mais quatro outras igrejas diferentes: Batista, Evangélica, testemunha de Jeová e Congregação Cristã no Brasil, que vem ganhando cada vez mais espaço no cenário mundial.

Mas o tempo passa e as coisas mudam, as pessoas que vivem hoje não são as mesmas que viveram no passado, as crianças de hoje serão diferentes das de amanhã, e as mudanças são inevitáveis, já não é mais o diamante que move a cidade, que outrora lotaram estas serras de garimpeiro. Hoje elas estão repletas de turistas e pesquisadores, onde a busca pelo

diamante transformou-se em busca da beleza paisagística, pelo conhecimento da região, pelo desejo de se reconectar com o mundo natural.

Com todas essas mudanças, muitos costumes vão se perdendo, a cultura local vai sendo engolida pela cultura global, o padrão vai ganhando espaço. Não há como impedir que a globalização chegue, mas há como influenciar na forma como esta interação ocorrerá, encontrando formas de evitar a aculturação local.

Descobrimos formas de que ao invés de a cultura global “engolir” Mucugê, seja feito o inverso, fazendo com que a cultura local transforme o global, agindo através dos turistas (vindos do mundo inteiro), passando para eles os costumes do povo sertanejo, suas formas de ver o mundo, tomando esses elementos como valores importantes e contrapostos à vida urbano-industrial.

A relação empregado-patrão, que é a relação predominante nas cidades, também se coloca hoje entre o turista e a população, pois é a forma que o homem urbano está acostumado a ter em praticamente todas suas relações sociais, sendo importante mudar isto, desenvolvendo-se relações mais humanas entre turista e nativo.

A atividade turística transforma a paisagem numa mercadoria pela qual se paga para consumir, é uma das formas de apropriação da natureza pelo capital.

É preciso mudar a forma que o homem urbano enxerga as pessoas e o mundo, ou seja, como mercadoria.

A população sertaneja presente na Chapada Diamantina, guarda em seu modo de vida valores importantes quanto a visão da natureza. Seja quanto ao uso dos recursos naturais, quanto ao relacionamento social, que estabelece princípios ordenadores da convivência homem-natureza.

Desse modo, os maiores impactos ambientais são causados pela exploração em longa escala dos recursos naturais, como o caso da agricultura irrigada na região.

O turismo também oferece impactos sócio-ambientais, em menor proporção, mas que pode aumentar diante de um crescimento desordenado.

Falta resgatar dentro de cada um, aquelas motivações que os levaram a conhecer e vivenciar novos horizontes, buscando lugares com o meio ambiente e a cultura, mais preservados. Entender o que cada lugar, cada povo lhe diz, fazendo um turismo de forma sustentável, não deixando que sua presença leve danos para a região, que não apenas consuma a paisagem local, mas aprenda com ela, ouvindo o que a região tem a dizer, transformando-se conforme o local, e não impondo seus costumes criados nas cidades ao local visitado.

E fica para reflexão o sentimento de uma escritora de passagem por Mucugê.

Alma roubada

Reajo à cidade com uma sensação de plenitude!
Não receio o olhar das pessoas,
nem os seus julgamentos.
Elas não parecem necessitar disso.
Aqui, minhas unhas não se puseram em vermelho
Não precisei pintar meus pés para a guerra...
não há nada contra o que lutar,
nada que eu precise desafiar,
nem preciso me impor.
As armas do povo desta terra
parecem ser sua gentileza,
sua voz mansa e terna.
Tive a alma gentilmente roubada,
pela cidade e suas pedras...
Não me acho só ou perdida,
meu fluído se encontra e se confunde
nas águas geladas e acolhedoras
de seus lagos e cachoeiras.
Rolo sem destino
por suas poucas ruas,
praças e jardins coloridos.
Nestes dias
Sou nascida desta terra
Broto deste chão...
Feito água
Feito pedra
Deixo que Mucugê se aproprie de mim:
me possua com seu frio cortante
me encante com a luz dos mausoléus Bizantinos
me inebrie com o canto de seus pássaros
me ensine pelos velhos daqui
me derreta com o sorriso de suas crianças
me permita enxergar-me nos olhos de suas mulheres...
E traga-me de volta
E trague, de uma só vez,
o meu corpo
a minha LETRA

Lu Barros

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARSUAGA, J. L. O colar do neandertal: Em busca dos primeiros pensadores. São Paulo – SP: Editora Globo, 2005.

BARRETO, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do turismo. 9ª edição, Campinas-SP: papirus editora, 2000.

BENEVIDES, I. P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo-SP: editora Hucitec, 1997

BOULLÓN, Roberto C. Planejamento do espaço turístico. 3ª edição, Bauru-SP: EDUSC, 2002.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. Secretaria de Minas e Metalurgia. Mucugê: folha SD.24-V-C-II, estado da Bahia /organizado por Augusto J. Pedreira, Rui de S.F.X. Martins Margalho. Brasília : CPRM, 1990 Escala 1:150.000

BRITO, F.E.M. Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina. Salvador-BA: EDUFBA, 2005.

CPRM; Informações básicas para a gestão territorial: Parque Nacional da Chapada Diamantina – BA. Salvador: IBAMA, 1994.

GONTIJO, B. M.; REGO, J. F. Por uma atitude turística pessoalizante. In: FARIA, Ferreira de Ivani (Coord.) Turismo: sustentabilidade e novas territorialidades. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

HONEY, Martha. Ecotourism and Sustainable Development: Who Owns Paradise? United Estates of America : Island Press, 1999.

LUCHIARI, M. T. D. P. Turismo e meio ambiente na mitificação dos lugares. In: FARIA, F. I. (Coord.) Turismo: sustentabilidade e novas territorialidades. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.

Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada Diamantina - Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2007.

Plano Diretor Urbano da cidade de Mucugê, 2002.

RODRIGUES, A. M. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo-SP: editora Hucitec, 1997.

SALES, F. Memória de Mucugê. Prefeitura municipal de Mucugê, 1994.

SOUZA, M. J. L. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, A. B. (Org.). Turismo e desenvolvimento local. São Paulo-SP: editora Hucitec, 1997.

Disponível em: <http://www.pbase.com/alexuchoa/chapada_diamantina> acesso em: 15/10/2008

Disponível em: <http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br/ba/hth1/ba20_26.htm> acesso em: 23/11/2008